ANO L . NOVEMBRO DE 2023 . Nº 113

a chama

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

HÁ MEIO SÉCULO REGISTRANDO A VIDA NO CSVP

DE GRÃO EM GRÃO

A partir de uma iniciativa da APM, abraçada pelo colégio, toda a comunidade vicentina _ alunos, educadores e famílias _ engajou-se na campanha *Junte e Ajude*, de coleta de tampinhas de garrafas plásticas e lacres de latas de alumínio para a One by One, uma organização não-governamental carioca que tem por objetivo promover mobilidade e inclusão social para crianças de baixa renda com deficiência física e neurológica.

Desde o retorno das aulas, em agosto, baldes coloridos foram dispostos em dois locais estratégicos da escola para juntar as tampinhas e lacres, que são entregues à ONG e por ela vendidos para empresas de reciclagem. O dinheiro arrecadado com a venda é usado na compra de cadeiras de roda feitas sob medida para as crianças atendidas no projeto. Somente no ano passado, a One by One conseguiu comprar 20 dessas cadeiras de roda, com a venda de 3,6 toneladas de anéis de alumínio e 16,8 toneladas de tampinhas plásticas recebidas de doação.

E agora a turma do São Vicente veio engrossar o caldo da solidariedade. Até outubro, nada menos do que quatro sacos de 100 litros com tampinhas plásticas e um saco de 50 litros de lacres metálicos já haviam sido reunidos no CSVP e entregues num posto de coleta designado pela ONG. "Quando as tampinhas são separadas por cor, têm um valor agregado maior", explicou Christ Azevedo Taylor, mãe responsável pelo projeto na diretoria da APM.

A ideia, segundo ela, é reunir uma nova leva e convidar alunos do colégio a fazerem a entrega diretamente à One by One, que tem sede na Barra. "Assim as crianças vão poder conhecer de perto o resultado do esforço delas em recolher as tampinhas e lacres e colaborar com o trabalho da ONG, que além do impacto social é também importante do ponto de vista ambiental, por evitar o descarte errado do plástico e do alumínio", disse Christ.

a chama

Revista editada pela
Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Ano L **Nº 113**
Novembro/ 2023

Supervisão Editorial
Adryana Dantas Furtado e Sacha Mófreita Leite

Reportagem, Redação e Edição de Textos
Rosa Lima

Revisão de conteúdo
Norma Hoffmann

Projeto Gráfico e Produção Editorial
Christina Barcellos

Capa e 4ª capa
Iuri Lioi

Fotos
Arquivo CSVP, School Picture, Andrea Couri Vieira Marques, Joana Torres, Christina Barcellos, Rosa Lima, Alexandre Berner, Cacau Marçal, arquivo Patrícica Costa, Elisa Bina, arquivo Luciana Gretchen, arquivo Maira Fattorelli, arquivo Rafaela Ramacciotti, arquivo Luciano Queiroz, fotos enviadas por Cacau Marçal, Lauro Basile, Oswaldo Lioi, Marina Brandão, Malena de Santi, Helena (esposa do Sergio Coelho).

Jornalista Responsável
Rosa Lima - Mtb: 18640/RJ

DIRETORIA DA APM

Diretor Eclesiástico
Pe. Agnaldo Aparecido de Paula

Diretora Representante dos Professores
Daniela de Carvalho Cordeiro

Diretora Presidente
Adryana Dantas Furtado

Diretora Vice-Presidente
Yajaida Maria Rodríguez Maia

Diretora Secretária
Sacha Mófreita Leite

Diretora Tesoureira
Maria Carolina Meyer Menezes

Diretora Social
Christ Azevedo Taylor

Conselho Fiscal
Vania Etinger de Araujo
Sue Wolter Vianna
Andrea Couri Vieira Marques

Suplentes
Juliana de Mello Ribeiro Freeland
Tatiana Mesquita Rosenthal
Patricia Zendron

Secretário da APM
Edevino Panizzi

Rua Cosme Velho, 241
Cosme Velho - Rio de Janeiro
RJ - CEP 22241-125
Tel. (21) 3235-2900
revistachama@csvp.g12.br

2 **CAPA**
A CHAMA - 50 ANOS

12 **COMO SE FAZ**
O PROJETO DE EDUCACAO ANTIRRACISTA DO CSVP

16 **FESTA JUNINA**
ARRAIÁ 2023 TRAZ A ALEGRIA DE VOLTA

20 **FALA, PROFESSORA**
LUCIANA GRETHER: ESCRITORA, ILUSTRADORA E PROFESSORA

22 **GRÊMIO**
AS CHAPAS ELEITAS PARA O BIÊNIO 2023-2025

24 **CORAIS**
30 ANOS DE GENEROSIDADE E ESCUTA DO OUTRO

28 **MURO DA GENTILEZA**
NOVA PINTURA HOMENAGEIA OS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL

30 **TRANSFORMADORAS SOCIAIS**
DUAS EX-ALUNAS NA DEFENSORIA PÚBLICA

32 **FEIRA DE CULTURA**
UMA MANHÃ COM MUITA ARTE E COMPROMISSO SOCIAL

36 **AÇÃO SOCIAL**
VOLUNTÁRIAS DA CARIDADE BUSCAM NOVAS INTEGRANTES

38 **ENTREVISTA**
EX-INSPETOR LUCIANO FALA DOS SEUS ANOS NO COLÉGIO

40 **RODA DE CONVERSA**
O IMPACTO DAS TELAS E DAS DROGAS NA SAÚDE MENTAL

43 **NOTAS**

QUERIDA COMUNIDADE VICENTINA,

2023. O ano em que a revista A Chama *completa 50 anos.*

E para escrever este editorial, fui buscar inspiração na 1ª revista, de 1973. Acabei lendo toda a publicação e me surpreendi com a atualidade de alguns temas. Então, aproveito para convidá-los a ler não apenas a 1ª edição, mas todas as demais que estão no site do CSVP.

Foram muitas as inspirações que encontrei e em alguns momentos parecia que eu estava lendo um texto escrito semana passada. Li sobre a importância das experiências na vida, do cuidado que precisamos ter quando nos comunicamos, a necessidade de termos um ideal, mesmo sabendo que ele pode não ser alcançado e o pedido enfático para que os/as responsáveis respondessem os questionários.

Desde abril, quando fomos empossadas, sabíamos que viriam desafios, mas nenhuma de nós chegou perto de imaginar a realidade.

Somos todas voluntárias e temos nos esforçado para proporcionar uma escuta afetiva e atenta às necessidades da comunidade, encaminhando-as ao colégio. Esse tem sido um dos nossos ideais. Às vezes brincamos que o tempo vicentino não é igual ao nosso e precisamos ter paciência e zelo na condução de alguns temas.

Estamos felizes com a receptividade e o carinho com que o colégio nos acolheu desde o início e também agradecemos pelo engajamento que conseguimos dos/as responsáveis nos compartilhamentos de mensagens e apoio solidário!

Fazendo um retrospecto desses oito meses, até que conseguimos rechear A Chama *com diversos e interessantes assuntos!*

Esperamos que vocês se divirtam e relembrem de muitos momentos, afinal, o que é a vida senão um apanhado de momentos e experiências que vivemos?

Adryana Dantas Furtado
Presidente da APM

QUE VIVA A CHAMA!

Um dos mais importantes repositórios da memória do colégio, revista chega aos 50 anos em busca de novos rumos

Noss´*A Chama* chega a meio século de vida! Bonita, ativa, interessante, como convém a uma cinquentona do terceiro milênio, ela, que durante muitos anos reinou absoluta como meio de comunicação da comunidade escolar do São Vicente, hoje divide seu espaço com Instagram, Facebook, YouTube, Classapp e outros "colegas" mais jovens. E se pergunta qual o seu lugar neste mundo de informações cada vez mais rápidas e descartáveis.

Responsável pela edição da revista desde a sua criação, a Associação de Pais e Mestres reconhece a sua importância, mas pretende repensar a estrutura d´*A Chama*, ampliando seu alcance, para que ela siga cumprindo efetivamente o papel de fortalecimento dos vínculos entre a comunidade vicentina.

A Chama vai voltar a ser impressa em maior quantidade ou precisa investir mais na sua versão digital? Manterá o formato e a periodicidade atuais ou vai mudar? Deve trazer novos colaboradores? Focar em outros conteúdos? São questões que estão na pauta da atual diretoria da APM e que serão respondidas no futuro próximo.

Por ora o que é certo é que *A Chama* é um patrimônio vivo do Colégio São Vicente, um repositório de sua história e um documento da memória dos ideais, projetos, ações e pessoas que passaram pela escola nos últimos 50 anos.

"Como sou mãe de uma aluna, hoje no 9º ano, e de uma ex-aluna que cursou todo o Ensino Fundamental e Médio no São Vicente, acompanho *A Chama* continuamente há cerca de 15 anos. Minha leitura é atravessada pelo olhar afetivo de mãe, mas também pelo olhar crítico de jornalista e professora da atividade. Essas duas visões convergem na percepção da revista como um espaço de registro da bonita história que o São Vicente vem construindo, contada sempre com cuidado e sensibilidade", disse a professora de jornalismo da UFF Larissa Morais, mãe da aluna Luísa Mendes e da ex-aluna Isabel Mendes.

É essa também a tônica dos depoimentos de alunos, ex-alunos, responsáveis e educadores do colégio, além de jornalistas, designers e ilustradores, que participaram da confecção da revista em diferentes momentos.

Para a Coordenadora Comunitária, Laura Régent, além de permitir o resgate da memória do Colégio São Vicente de Paulo, "*A Chama* fala do presente da instituição, mostrando todos os seus segmentos e atores, e tem também o mérito de apontar para cenários futuros, sempre com o compromisso de reafirmar o projeto político-pedagógico do colégio".

TÁ NO PPP

Avaliar permanentemente as práticas pessoais e profissionais no Colégio a partir dos valores e princípios do Projeto Político-Pedagógico (PPP). (Política Institucional 5)

Desenvolver, aperfeiçoar e manter atualizados os processos de comunicação, divulgação e socialização das atribuições dos setores e dos profissionais do Colégio. (Linha de Ação 5.1)

A professora do Ensino Médio Valéria Baptista (Filosofia e OCA) lembra que, quando entrou no CSVP em 2002, ficou impressionada de ver no colégio uma publicação regular, que sempre foi um importante diferencial, trazendo o coletivo, a memória e a crítica da comunidade escolar. "A revista *A Chama* é uma tradição. Guardo dela lembranças importantes, como as belas fotos e poesias do Padre Lauro, o destaque dos projetos da EJA, dos educadores da casa e dos ex-alunos".

Pensamento crítico

"*A Chama* dá voz à comunidade vicentina com todos os seus eventos e acolhe a expressão dos alunos com fotos, desenhos, pinturas e textos, incentivando o potencial artístico de cada um e registrando o pensamento crítico que se promove no São Vicente", declarou a estudante Manuela Vilhena, do 3º EM e colaboradora da revista como integrante do grêmio.

Presente na escola há 38 anos, seja como professor curricular de Música ou extracurricular de Teatro Infantil, Lauro Basile acredita que a importância da revista está em manter viva a memória das pessoas que dedicaram parte de sua vida a construir a história do Colégio São Vicente. "*A Chama*, nesses 50 anos, nos relembra a nossa história. Com suas matérias, nos permite analisar o percurso percorrido, pois perpassa por quem éramos e quem somos, nos ajuda a lembrar da nossa identidade, homenageia pessoas que, pelo colégio, deixaram um pouco de si, acreditando na possibilidade de formar agentes de transformação social", declarou Lauro, acrescentando: "Várias matérias foram muito importantes, mas a que mais me emocionou foi a que saiu na revista de número 97, comemorativa dos 30 anos do Curso de Teatro Infantil no colégio".

"Eu adoro a revista *A Chama"*, derramou-se a professora de Artes Claudia Marçal, a Cacau. "Ela é um ponto de encontro dos diversos braços da escola, um lugar de comunicação entre essa quantidade imensa de trabalhos de qualidade que são feitos aqui e que muitas vezes a gente nem sabe que está acontecendo", disse ela. Em relação à disciplina de Artes, Cacau afirma que *A Chama* é muito importante como espaço de divulgação do que se faz nas aulas: "Dos trabalhos de arte que saíram na revista, uma edição que me marcou muito foi aquela sobre o projeto da cor da pele, feito junto com outras disciplinas e que a revista abordou de forma muito interessante", declarou.

"Além disso, eu também adoro indicar alunas e alunos para fazerem as ilustrações para a revista, ver o talento delas e deles expresso num veículo de comunicação importante para a comunidade da escola, cada um a seu jeito. E para elas e eles acho que é uma oportunidade muito legal de crescimento, que pode se traduzir até em experiências profissionais futuras", finalizou a professora de Artes.

Da esquerda para a direita, a professora Cacau com duas edições que a marcaram: a que falou do projeto *Cor da Pele* e a da capa que fez sobre *O Amor*; Lauro Basile e sua coleção de revistas: na mão, *A Chama* sobre o Teatro Infantil; duas alunas com as capas que ilustraram recentemente: Marina Brandrão e Malena de Santi; e Oswaldo Lioi com os layouts de seu projeto gráfico inovador de 1998

UM CANAL QUE TRANSCENDE AS PAREDES DA ESCOLA

"*A Chama* sempre foi mais do que apenas um veículo de comunicação. Nesses 50 anos de existência, a revista desempenhou um papel crucial em promover a integração entre pais, alunos (e ex-alunos) e professores, se tornando uma ponte entre gerações, conectando o passado ao presente e lançando luz sobre o futuro. Ela abriu um canal de comunicação que transcendia as paredes da escola, transformando-se numa plataforma para debates, reflexões e celebrações. Um veículo de expressão da diversidade de talentos e opiniões que compunham nossa comunidade". As palavras são do ex-aluno Iuri Lioi, ilustrador e diagramador d´*A Chama* no final dos anos 90 e início dos anos 2000. Hoje um bem-sucedido desenhista de animação nos Estados Unidos, Iuri ainda nos brindou com a linda ilustração de capa desta edição especial, e também com seu depoimento sobre a revista que se fazia naquela época (veja quadro).

set. 1973 — **1980** — **1990** — **2000** — **2010** — **2020**

74 75 76 77 78 79 81 82 83 84 85 86 87 88 89 91 92 93 94 95 96 97 98 99 01 02 03 04 05 06 07 08 09 11 12 13 14 15 16 17 18 19 21 22 23

1 2 3 | 4 5 6 7 8 | 9 10 11 12 | 13 14 15 16 17 | 18 19 20 21 22 | 23 24 | 25 26 27 | 28 29 30 | 31 32 | 33 34 35 | 36 37 38 39 40 | 41 42 43 | 44 45 | 46 | 47 | 48 | 49 | 50 | 51 | 52 | 53 54 | 55 | 56 57 | 58 59 | 60 61 | 62 63 | 64 65 | 66 67 | 68 69 | 70 | 71 | 72 73 | 74 75 | 76 77 | 78 79 | 80 81 | 82 83 | 84 85 | 86 87 88 | 89 90 91 | 92 93 94 | 95 96 97 | 98 99 100 | 101 102 | 103 104 105 | 106 107 108 | 109 110 111 | 112 113

1ª FASE MARIA CÉLIA BUSTAMENTE

2ª FASE CONSELHO EDITORIAL

3ª FASE PE. LAURO

NÃO CIRCULOU

4ª FASE VOLTA DE PE. ALMEIDA

5ª FASE VOLTA DE PE. LAURO

6ª FASE PE. AGNALDO

A CHAMA 1
Folhas datilografadas com "cara de mimiografo", segundo a Maria Celia

A CHAMA 11
Primeira foto set/out 1975, A Visita do Superior Geral da Congregação dos Padres Lazaristas com Pe. Horta, diretor do colégio

A CHAMA 28
Pe. Lauro vira editor e redator da revista, que perde o perfil "engajado"dos anos anteriores

A CHAMA 23
Nova proposta editorial e novo formato. Conselho Editorial mais politizado

A CHAMA 24
Novo projeto gráfico. Fala da Educação Libertadora

A CHAMA 33
Linha editorial religiosa em homenagem a São Vicente de Paulo

A CHAMA 35
Primeiro debate político com candidatos a goverdador e a senador-Leonel Brizola, Lysaneas Maciel, Arthur da Távola e Celio Borja

A CHAMA 44
Revista fora de padrão, assim como a seguinte-45, com artigos escritos pela APM e notas sobre os anos anteriores e a volta do Pe. Almeida à direção do SV

A CHAMA 46
Volta ao antigo projeto de 1978, com uma publicação anual de 30 páginas

A CHAMA 52
a 58
Supervisão editorial de Pe. Almeida. Revistas sem padrão gráfico entre si, capas a cores e miolo PB. Dia-a-dia do colégio por Pe. Almeida, alunos aprovados no vestibular

A CHAMA 4
ganhou capa colorida

A CHAMA 27
Partida do Pe.Almeida, chegada do Pe. Lauro

A CHAMA 31 e 32
Modernas, contou com a colaboração dos cartunistas Claudius. Laerte e Ziraldo

A CHAMA 42
Regina e Damião Nascimento assumem a redação da revista

A CHAMA 43
25 anos CSVP. Entrevista com os 4 diretores

A CHAMA 47
Escrita pela APM e colaboradores, traz matéria sobre o grupo de teatro Calabouço

A CHAMA 50
Capa de Ziraldo, 20 anos d'A Chama, entrevista com Pe. Almeida, Betinho no colégio

A CHAMA 59
Grande mudança com novo projeto gráfico de Oswaldo Lioi. Idealizada por Pe. Almeida, revista toda a cores, com 2 edições de 32 páginas por ano. Jornalistas contratadas: Ana Beatriz de Noronha e Cátia Guimarães. Com a morte de Pe. Almeida, Pe. Lauro volta e assume A Chama até 2012.

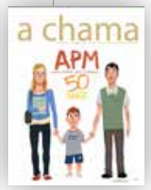
A CHAMA 57
Especial de 25 anos da revista com 64 páginas. Algumas páginas a cor. Conceito Comunicação

A CHAMA 67
30 anos A Chama com matéria histórica Programação visual e ilustrações de Iuri Lioi. Especial com 48 páginas

A CHAMA 63
Iuri Lioi assume a concepção gráfica e a editoração, além das ilustrações. Até o nº 69, em 2004

A CHAMA 72
A partir desse número até o atual, design gráfico e diagramação de Christina Barcellos. Nesse período, o projeto gráfico foi se adaptando de acordo com as tecnologias, diretorias, novas retrancas. Volta a ter 2 revistas por ano com 32 páginas. Pe. Lauro escreve muito e revisa os textos

A CHAMA 70
e 71
Novos jornalistas: 3 na Pauta Comunicação e mudanças no projeto gráfico



A CHAMA 79
50 anos da APM, com linda capa ilustrada por Marina Barrocas, então aluna do EM do SV, hoje artista plástica

A CHAMA 77
Edição histórica especial de 5 décadas do CSVP. Toda a história contada em 80 páginas, com muitas fotos de todas as épocas, depoimentos, documentação. Luciana Cabral e Raphaela Peres escreveram toda a história. As jornalistas continuaram na revista até o nº 80

A CHAMA 81
O ex-aluno Rodrigo Prestes e a jornalista Rosa Lima assumem a redação da revista. Rodrigo fica até o número 102 e Rosa segue até esta edição.

A CHAMA 85
40 anos d´A Chama. Nova tipologia, novas colunas (Ontem e hoje, Transformadores Sociais, A Chama publicou há...). A revista passa a ter 3 edições por ano, menores, com 24 páginas

A CHAMA 88
1º concurso de fotografia Pe Lauro Palu. A Chama discute o PPP nos próximos 4 numeros

A CHAMA 92
Número especial, dedicado à música no São Vicente

A CHAMA 93
O PPP na prática

A CHAMA 98
Mudanças no projeto gráfico, adotado até hoje, a pedido da diretoria da APM

A CHAMA 94
Especial sobre o teatro no SV

A CHAMA 90
Pe. Mauricio Paulinelli assume a revisão da revista no lugar de Pe. Lauro, que a revisava morando no Caraça

A CHAMA 101
Edição especial com 48 páginas, 60 anos do SV. Como era e como estamos

A CHAMA 107
Especial sobre o Grêmio. Volta às aulas presenciais parcial, todos de máscara.

A CHAMA 103
Primeira edição na pandemia do Covid 19. O colégio fechado, as aulas on line, a revista, além das reportagens, passa a contar com a colaboração de pais, alunos e professores escrevendo artigos e resenhas. No ano de 2020 as 3 ediçoes da revista foram produzidas à distancia. Os numeros 103 e 104 não foram impressos, só circularam em versão digital. A partir do número 105 a tiragem ficou em 250 exemplares, sem ditribuição aos alunos

Acima, Maria Celia Bustamente, criadora d'*A Chama*, e Maria Lúcia, a Lula, sua filha mais velha, ilustradora da revista até 1977. Ao lado, algumas de suas capas e ilustrações

Outra que se dispôs a nos fazer um breve relato dos acontecimentos que levaram à criação d´*A Chama* foi a filha da falecida jornalista Maria Célia Bustamante, idealizadora e primeira editora da revista, a ilustradora Lula, a quem fomos encontrar vivendo em Pernambuco, hoje professora titular da universidade federal e avó de três netos.

Talvez naquele início dos anos 1970, sua mãe, a vice-presidente da Associação de Pais e Mestres Maria Célia Bustamante não tivesse a noção de que sua criação iria chegar tão longe. Mas então uma empolgada estudante de jornalismo, apostou no seu sonho e fez dele uma realidade.

O Brasil vivia um período marcado pelo questionamento de costumes e valores em todas as áreas e, em plena ditadura militar, o Colégio São Vicente se destacava como um espaço de educação libertadora. Em 1972, o casal Ivan e Maria Célia Bustamante tinha três filhos matriculados na escola quando passou a fazer parte da direção da APM. Logo na primeira reunião da entidade, em março de 1973, Maria Célia lançou a ideia de um periódico jornalístico, que finalmente saiu em setembro, na data de aniversário do CSVP, com todo o apoio do diretor do colégio, o saudoso Padre Almeida.

"A Chama nasceu de um ideal e uma necessidade. Ideal porque todo jornalista sonha com a oportunidade de criar um jornal ou uma revista, através do qual possa expressar opiniões, trocar ideias e pontos de vista e, sobretudo, promover maior comunicação no âmbito social a que pertence", contou Maria Célia no número comemorativo de 25 anos d´*A Chama*.

Escola em comunicação

As primeiras edições, em formato meio ofício e com cara de boletim, eram feitas com a colaboração de pais, estudantes e professores. Já no segundo número a revista passou a contar com a contribuição artística de Maria Lúcia, a Lula, filha mais velha do casal Bustamante, publicando ilustrações e histórias em quadrinhos até dezembro de 1977. Apesar de elaborada artesanalmente, *A Chama*, nessa primeira fase, cumpriu a contento o propósito de fazer do São Vicente uma "escola em comunicação". Além de ter

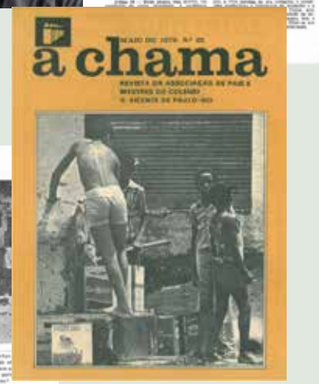
"No final de 1967 o Colégio Notre Dame de Sion, onde eu estudava, anunciou que encerraria a formação em "clássico" e "científico" do segundo grau. Foi a partir deste anúncio que me interessei em ingressar no Colégio São Vicente de Paulo, que se tornaria misto a partir de 1968. Falei para minha mãe do meu interesse ao que me respondeu: "Só se você conseguir uma bolsa de estudos". A dificuldade de meus pais com 9 filhos era imensa e, graças à generosidade de dois colégios católicos (um feminino e outro masculino), a maioria de nós tinha alguma bolsa.

Com os meus 14 anos de idade, atravessei então a Rua das Laranjeiras rumo ao Colégio São Vicente para falar sobre a possibilidade de obter uma bolsa. Na secretaria fui bem recebida, mas me disseram que só falando diretamente com o diretor, o padre José Pires de Almeida. Ele me recebeu, foi extremamente atencioso, me perguntou se eu estava sozinha, falei que sim, ele se admirou, e passei a explicar a situação. Conversamos um pouco e no final da conversa ele disse: "Tudo bem! Mas eu quero conhecer sua mãe!!!". E foi assim que Maria Célia Fortes Santos de Bustamante, idealizadora e fundadora de A Chama*, entrou para o convívio do Colégio São Vicente de Paulo e também para a sua história.*

Fiz parte da primeira turma mista do colégio em 1968. Eram 45 alunos, 5 meninas. Em uma conversa com minha mãe sobre a profissão que iria escolher, ousei comentar que não queria fazer como ela e ser dona de casa! Isso foi no final de 1969. Para encurtar a história, em 1972 minha mãe prestou vestibular e passou para a primeira turma de jornalismo da Faculdade Hélio Alonso. Ao entrar na FACHA, Maria Célia tinha 45 anos incompletos, sua filha mais velha ia ter seu primeiro filho em setembro e seu filho mais novo, Pedro, iria fazer 6 anos em outubro.

Não sei dizer exatamente quando foi feito o convite para criar a revista do colégio. Lembro de minha mãe falar do convite do Pe. Almeida e nos consultar sobre o nome a ser dado. Ela estava no segundo ano da faculdade. Foi uma revista feita à mão com a colaboração de muitas mãos. Foi aí que recebi o convite para ilustrar A Chama *desde seu primeiro exemplar. Das histórias que criei, a que recordo com mais carinho é a trilogia do pescador. Ela contém uma visão de futuro e passado bastante atual nesses tempos de internet e sustentabilidade."*

Maria Lúcia de Bustamante Simas, a Lula, foi ilustradora das primeiras 22 edições de A Chama. Hoje tem 70 anos, é professora titular de Psicologia na UFPE, mãe de Alexandre e Adriana e avó de André, Augusto e Beatriz.



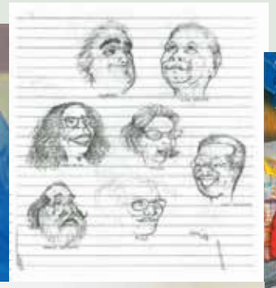
Marcelo Camurça e as revistas em que colaborou no final dos anos 1970

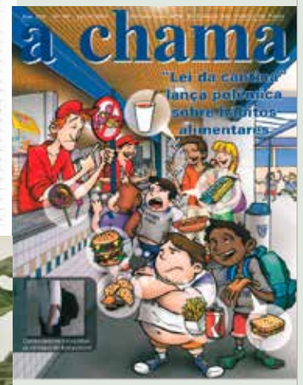
"Em 1978 eu já estudava História na UFF e fui contratado como assistente da montagem do arquivo histórico do Colégio São Vicente, por indicação de ex-professores do meu tempo de estudante do colégio. Minha inserção n A Chama *se deu nesse contexto de garimpagem e catalogação de documentos, além de coleta de depoimentos com pessoas-chaves que registravam a memória do colégio.*

Eu entrei na revista para dar publicidade a esse material, escrevendo reportagens sobre a história do São Vicente a partir desse arquivo. A equipe da Associação de Pais e Mestres que comandava A Chama *nesse período, sucedendo a jornalista Maria Célia Bustamante, era um conselho editorial liderado pelo cientista político José Nilo Tavares, professor da UFF e da PUC, um intelectual marxista muito respeitado nas ciências sociais, e pai de alunos do colégio. Nós tivemos muita sintonia intelectual porque ele quis dar à APM e* A Chama, *em particular, uma feição mais reflexiva, mais condizente com os princípios político-pedagógicos do São Vicente, por um lado referenciada nas fontes do arquivo histórico recém-construído e, por outro, publicando matérias que expressassem a consciência do que se fazia no colégio: um ensino democrático, participativo e conscientizador.*

A Chama, *naquele período, teve, portanto, o papel de tentar acompanhar a ideologia do colégio, um colégio progressista, de clara oposição e resistência à ditadura militar instaurada no país. Isso, no entanto, só durou até 1979, quando mudou a direção da APM e eu fui demitido sob a alegação de necessidade de corte de gastos. De certa forma, foi um prenúncio da política vindoura do colégio a partir dos anos 80 e que culminou com a demissão de vários professores no final de 1983".*

Marcelo Camurça, antropólogo, professor titular aposentado pela UFJF e pesquisador do CNPq, formou-se no CSVP em 1976 e foi secretário de redação d´A Chama em 1978 e 1979.





Iuri Lioi ao lado do muro que pintou em homenagem ao Pe. Almeida, em 1999 e hoje, morando nos EUA ; caricaturas de professores feitas por ele em aula; e a capa e a capa sobre alimentação no colégio com ilustração e design de sua autoria

promovido a construção do portão de entrada do colégio e o ar condicionado das salas, ambos instalados em 74.

No início de 78 um colegiado formado por dez casais assumiu a diretoria da APM e a condução da revista, que passou a adotar formato de caderno, ganhou nova periodicidade e reformulou seu conteúdo. Foi uma fase de grande efervescência política e cultural na escola que se refletiu em artigos calorosos também nas páginas da revista, como também nos conta o então secretário de redação e hoje antropólogo Marcelo Camurça em seu relato.

A partir de 1980, sucedendo Padre Almeida na direção do colégio, Padre Lauro Palú assumiu também a direção d' *A Chama* produzindo 16 números da revista, com forte investimento na comunicação escola-famílias, através de destaques aos acontecimentos sociais do colégio, registrados com muitas fotos e ilustrações de nomes de peso, como Ziraldo e Laerte. Numa edição especial (setembro/dezembro de 84), com 48 páginas, em comemoração ao Jubileu de Prata do CSVP, a revista entrevistou os quatro diretores que ajudaram a construir o colégio: os padres Horta, Marçal, Almeida e Lauro. Em 1985 e 86, no entanto, ficou suspensa por dificuldades diversas.

Com o retorno de Padre Almeida à direção do colégio, *A Chama* voltou a circular em 87 e experimentou diversos formatos e periodicidades, sempre clamando por maior participação da comunidade escolar. Em setembro de 89, sai a edição comemorativa dos 30 anos do CSVP com 56 páginas e muitos artigos e depoimentos de alunos, ex-alunos, pais e educadores do colégio, um documento histórico. Daí até 1998, porém, circularam apenas 12 edições da revista, que seguiam padrões e critérios diferentes, conforme a diretoria da APM.

Reestruturação editorial

Em 99, no entanto, a nova diretoria eleita decidiu que a revista precisava se reestruturar editorialmente e se profissionalizar. O designer Oswaldo Lioi e sua esposa Carla, então vice-presidentes da Associação, assumiram a tarefa de redesenhar graficamente

"Entrei no Colégio São Vicente de Paulo na 1ª série em 1989. Sempre gostei de desenhar e, naturalmente, isso me levou a participar de várias atividades no Colégio - pinturas de muros, cenários de teatro, posters para eventos e eventuais bandeiras para passeatas. Contudo, a minha conexão com A Chama *só teve início em 1998. Nesse ano meus pais, Carla e Oswaldo Lioi, integraram a diretoria da Associação de Pais e Mestres e foram idealizadores do redesign da revista. Foi nesse contexto que eu e outros alunos (lembro-me especificamente do Danilo Lucas e Mateu Velasco) tivemos a oportunidade de colaborar com ilustrações feitas especificamente para matérias d* A Chama.

O novo projeto gráfico veio com o objetivo de modernizar o look da revista, que nessa transição deixou de ser quase toda em preto em branco para ter todas as páginas coloridas. Ter acompanhado a idealização e execução do novo projeto gráfico, e colaborado com ilustrações não foi apenas uma experiência enriquecedora, mas também o início de uma jornada que se estendeu além dos meus últimos dois anos como estudante no Colégio, e desempenhou um papel significativo na minha formação profissional.

Em 1999, me formei no São Vicente e passei no vestibular para ESDI – Escola Superior de Desenho Industrial da UERJ. Já no meu primeiro ano de faculdade assumi a responsabilidade pela diagramação visual da revista, uma tarefa desafiadora. A Chama *se tornou a primeira plataforma onde pude expressar minha criatividade e senso crítico de maneira profissional. Como designer, ilustrador e chargista, mergulhei de cabeça na produção de arte para a revista. E à medida que ganhava mais confiança, mais eu me divertia explorando maneiras diferentes de compor texto e imagem e tornar a leitura da revista mais interessante para crianças e adultos.*

Minha participação contínua n A Chama *me ensinou lições valiosas sobre trabalho em equipe, dedicação e responsabilidade. Cada edição era um desafio, mas também uma oportunidade de crescimento. Da minha experiência na revista destaco dois momentos muito importantes pra mim. O primeiro foi ilustrar a matéria de despedida do Padre Almeida, falecido no meu último ano de São Vicente, celebrando a importância que ele teve para a nossa comunidade. O segundo foi fazer a capa de comemoração de 30 anos da revista. Que* A Chama *continue a inspirar, informar e unir, pelos próximos 50 anos e além!"*

Iuri Lioi, 42 anos, vive nos EUA desde 2004, onde já foi animador na Dreamworks, Skydance e Netflix. Hoje é diretor de arte na Laika. Casado com Olívia, ex-colega de colégio, é pai de Lucas (8) e Isabel (4 anos).

Tulio e as revistas que supervisionou nos quatro anos que esteve na APM

"No início de 2013 fomos convidados pelo Padre Lauro a formar uma chapa para a diretoria da APM e, quando assumimos, pouco depois, o diretor já era o Padre Agnaldo. Tivemos muita liberdade para conduzir a revista, que até então era a menina dos olhos do Pe. Lauro.

Uma das coisas que a gente trouxe de novidade e que me deram grande prazer, editorialmente, foi a seção Transformador social. *Numa reunião com a APM, Pe. Agnaldo mencionou a missão do CSVP e eu perguntei a ele: "O colégio forma mesmo transformadores sociais? Onde estão eles?". E assim surgiu a ideia de dedicarmos um espaço na revista para contar a história de ex-alunos que levam adiante o lema do colégio, fazendo a diferença na sociedade. De lá pra cá, muitas histórias bacanas de transformadores sociais formados no São Vicente foram contadas n* A Chama.

Criamos também as seções Ontem e Hoje, A Chama publicou há (...) anos, *e lançamos o* Concurso de Fotografias Pe. Lauro Palú, *que teve as vencedoras publicadas na revista também. Outra mudança que trouxemos foi em relação à periodicidade d* A Chama, *que era semestral quando assumimos e passamos a quadrimestral, de modo que não ficasse um intervalo tão grande entre uma edição e outra. Nós também fizemos a digitalização da revista, que já havia sido iniciada, mas estava parada por falta de verba. Concluímos esse trabalho e agora toda a coleção d* A Chama *está disponível para consulta no site do colégio.*

Hoje, o São Vicente tem outros meios de comunicação, digitais, que são mais ágeis para a troca de informações com a comunidade escolar, mas não substituem a revista como um veículo que conta a história do colégio. Daqui a alguns anos, quem quiser pesquisar o que aconteceu no Colégio São Vicente de Paulo em 2023, vai buscar n A Chama."

Túlio Vasconcellos, pai dos ex-alunos Vitor (30 anos) e Rafael (26), foi diretor social da APM entre 2013 e 2016 e acompanhou a edição d´A Chama do número 84 ao 94.

A Chama e duas jornalistas foram contratadas para a redação. "Quando eu entrei, a revista era ainda quase toda em preto e branco. Nós fizemos uma repaginação geral, introduzindo muita cor na diagramação, inclusive no editorial e nas chamadas, e capas com uma construção mais gráfica. As primeiras reuniões que tivemos foi ainda com o Pe. Almeida, mas assim que combinamos de fazer o novo projeto gráfico, ele faleceu e foi aquela comoção no colégio. No entanto, o Padre Lauro, que o sucedeu, me deu toda a liberdade de trabalhar e fizemos uma linda homenagem ao Padre Almeida na nossa primeira revista. Foi um momento muito bonito porque todos os alunos quiseram aparecer nesta edição", lembra Oswaldo Lioi.

"*A CHAMA* ABRIU UM CANAL DE COMUNICAÇÃO QUE TRANSCENDIA AS PAREDES DA ESCOLA, TRANSFORMANDO-SE NUMA PLATAFORMA PARA DEBATES, REFLEXÕES E CELEBRAÇÕES."

IURI LIOI

Era o início de uma nova fase d´*A Chama*, tal como a conhecemos hoje, com muitas fotos, cores e desenhos ilustrando os registros da vida pulsante no CSVP. De lá para cá, a revista conseguiu manter sua regularidade e profissionalismo. Em 2007, a designer e também integrante da diretoria da APM Christina Barcellos foi convidada por Padre Lauro a integrar a equipe da revista e a elaborar seu novo projeto gráfico, que, com mudanças pontuais, se mantém até os dias atuais, em edições memoráveis, como as dos 50 e 60 anos do colégio, as dedicadas ao teatro, à música e ao grêmio, e as mais recentes, todas com lindas capas ilustradas por estudantes do São Vicente.

Vale a pena tirar um bom tempo para folhear as páginas da revista na biblioteca ou consultar a coleção digitalizada no site. É um mergulho em 50 anos de história propagando a luz e o calor da vida no Colégio São Vicente de Paulo. Que *A Chama* possa seguir iluminando e aquecendo muitas outras gerações de vicentinos.

*"Ter trabalhado na APM cuidando d´*A Chama *por quatro anos foi muito enriquecedor pois me permitiu ver de perto como a escola funciona e atuar mais proximamente em prol dos alunos. A revista é um instrumento fundamental de comunicação no São Vicente e guarda a memória do colégio, é um documento precioso.*

Antes de fazer parte da APM, eu sempre li A Chama. *Ela traz informações sobre ações desenvolvidas nos diversos segmentos do colégio que, na maioria das vezes, os pais desconhecem. Gostava muito da seção* Transformador Social*, mostrando perfis de ex-alunos que seguiram o slogan do colégio. Na nossa gestão, a revista passou a publicar também a seção Fala, professor(a), divulgando, a cada edição, o trabalho de um professor ou professora do colégio. É um reconhecimento importante.*

A gente vê como ao longo do tempo A Chama *foi mudando, já foi maior, já foi menor, já teve mais ou menos colaboração, agora vejo que está num momento bom, com colaboração de estudantes, do grêmio, de responsáveis, o que é muito louvável. Essa é uma iniciativa que eu tentei implementar, mas tive muita dificuldade, então parabenizo as gestões mais recentes por esse ganho, que eu considero um trabalho riquíssimo. Eu só tenho a agradecer por ter participado como diretora da APM à frente da revista. Vida longa* À Chama*!"*

Marlene Duarte, jornalista, mãe de Gabriel (formado em 2021) e Nina (3º ano EM), ambos alunos desde o 1º ano EF, foi responsável pela revista como diretora social da APM de 2017 a 2021.

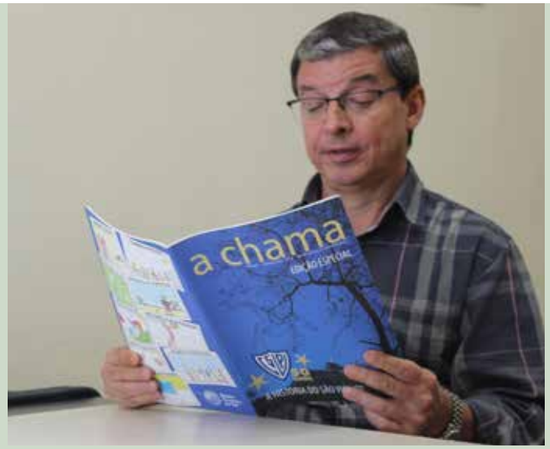
A equipe da revista em foto de 2019: no alto, Rodrigo Prestes, Rosa Lima e Christina Barcellos; embaixo, Marlene Duarte e Carolina Ebel (então diretoras da APM) e, entre elas, Norma Hoffmann (coordenadora acadêmica e revisora d´*A Chama*)

"A Chama" chega aos seus 50 anos de existência!

Celebrar este feito é motivo de grande orgulho e alegria, pois não é tarefa fácil manter uma chama acesa por longo tempo. A experiência de sustentar a chama de uma vela ardente, embora "A Chama" seja muito mais do que uma vela e menos do que o Círio Pascal, nos mostra que a tarefa é fácil nas ocasiões de bonança, mas quando o vento sopra forte os desafios são gigantescos.

O Colégio, a educação, a sociedade e o mundo passaram por enormes transformações, e com "A Chama" não foi diferente. Ao longo dessa longa e fecunda história, "A Chama" se defrontou com a necessidade de se modificar, acolhendo os desafios que se mostram cada vez mais instigantes, mantendo-se fiel aos compromissos e objetivos fundacionais: ser um veículo de reflexão e comunicação da Proposta Político-Pedagógica do Colégio, além de trazer à luz as múltiplas questões e eventos pertinentes à vida e ao trabalho dos educadores, estudantes, famílias e parceiros.

Admiro a beleza, a profundidade e a leveza da "Chama" no trato dos temas que destaca. Fico encantado com as imagens que mostram a alegria dos membros da Comunidade Educativa, especialmente das nossas queridas crianças, adolescentes e jovens, na realização dos projetos e trabalhos. Desse rico e vasto tesouro é difícil selecionar algo sem ferir a sensibilidade de alguém, porém ouso ressaltar as seções "Como se faz", "Transformador(a) Social", "Ação Pedagógica" e "Ontem e Hoje", além das "Notas", que nos mantêm informados dos inúmeros eventos que tornam o São Vicente um Colégio sempre vivo, dinâmico, alegre e comprometido com a Missão de "ajudar a formar Agentes de Transformação Social com sólida base acadêmica".



Parabéns a todas e a todos que contribuíram e continuam contribuindo para manter vivo o extraordinário patrimônio do Colégio São Vicente de Paulo, por meio desse registro histórico, de valor inestimável, em que "A Chama" se transformou. Um especial agradecimento à Associação de Pais e Mestres (APM) responsável pela edição da Revista deste as suas origens.

Que estes sejam os primeiros 50 anos de muitos outros de "A Chama", como diria o nosso querido e saudoso Pe. Lauro Palú.

Pe. Agnaldo, C.M., diretor do CSVP

"É lá que eu quero morar:
no último andar."

*Tal qual o verso de Cecília Meireles, foi assim que eu me senti quando entrei no auditório do São Vicente para assistir a um dos seus maravilhosos saraus: era ali que eu queria ficar! O ano era 1978, eu já estava na faculdade e o sonho teria que ser adiado por uma geração. E assim foi: meu filho, Rodrigo, veio estudar no colégio e aqui se formou. Quando já estava cursando Letras, foi convidado a ser redator d´*A Chama *e, pouco depois, me juntei a ele como jornalista responsável pela revista. Aqui estou até hoje. Sonho mais que realizado!*

Desde 2011, tenho tido o prazer de reportar debates, palestras e rodas de conversas enriquecedoras, de cobrir lindos projetos pedagógicos, peças de teatro, apresentações musicais, pinturas de muro, eleições de grêmios, feiras de cultura, jogos, concursos, festas e projetos sociais os mais diversos, de entrevistar diretores, coordenadores, professores, funcionários, alunos, ex-alunos, pais e mães com uma diversidade de perfis e visões incrível e de escrever sobre tudo isso com liberdade invejável.

Nesse longo período, convivi com muitas direções da Associação de Pais e Mestres, patrocinadora da revista. Cada uma trouxe um novo olhar, sugeriu e se empenhou na produção de pautas, seções, artigos, fotos, ilustrações, reportagens e edições especiais, incentivando sempre a participação de responsáveis, professores e estudantes nas suas páginas (um desafio constante!). Sem falar no apoio do colégio e na parceria com a designer Christina Barcellos, também ela mãe de ex-alunos vicentinos, ex-diretora da APM, responsável pelo projeto gráfico e a produção editorial nestes anos todos, fazendo revistas cada vez mais lindas!

A Chama *tem muita história para contar neste cinquentenário, como se pode constatar nesta edição. Agora precisa mirar seu futuro. Como manter sua luz e seu calor em meio a tantos estímulos da vida apressada e do mundo digital de hoje? Como atrair colaboradores, engajar leitores e continuar sendo relevante na vida e na história do Colégio São Vicente e de toda a comunidade escolar? Perguntas de respostas nada simples. Quaisquer que sejam elas, porém, meu desejo é que, online ou impressa,* A Chama *possa brilhar forte ainda por muitos e muitos anos!*

Rosa Lima, repórter, redatora, editora de textos e jornalista responsável pel´A Chama desde 2011

NÃO À DISCRIMINAÇÃO!

Projeto Antirracista, Comitê de Ações Antidiscriminatórias e Censo Étnico-Racial são algumas das ações que visam construir mais equidade na escola

O ano de 2023 marca um ponto de inflexão importante na história do São Vicente. No intuito de reforçar seu comprometimento com a prevenção e o combate a todas as formas de discriminação e preconceito presentes na sociedade, o colégio vem promovendo uma série de iniciativas concretas, com intencionalidade explícita, em prol de uma política antidiscriminatória sistêmica na escola.

Entendendo que respeitar a diversidade é uma condição imprescindível para a democracia, toda a comunidade educativa vem sendo instada a se engajar em projetos e práticas que favoreçam a construção da equidade na escola, tais como o Projeto Antirracista do Ensino Fundamental 1, o Comitê de Ações Antidiscriminatórias, lançado no mês de outubro, e o Censo Étnico-Racial do corpo de educadores do CSVP, integrante do programa institucional "Criação de um Ecossistema Saudável para a Vida e o Trabalho", em curso desde o final do ano passado.

"Desde que nós voltamos da fase mais aguda da pandemia, levantamos alguns temas que seriam muito caros à educação, ou seja, que deveriam ser tratados com atenção pela escola, sobretudo por uma escola vicentina. O primeiro desses temas era educação antirracista, o segundo era questão de gênero e o terceiro era a aporofobia, ou o repúdio ao pobre, entendidos como temas que deveriam estar no centro das reflexões e ações de uma escola que se propõe a ajudar a formar agentes de transformação social", explicou o coordenador acadêmico do colégio, André Chaves Marques.

Projeto Antirracista

A primeira iniciativa mais estruturada que traduziu essa reflexão para o cotidiano escolar foi a criação do Projeto de Educação Antirracista, que o Ensino Fundamental 1 começou a pôr em prática no início deste ano. O projeto parte da premissa que atitudes antirracistas pressupõem a capacidade de olhar o outro sem preconceito de espécie alguma. E que isso precisa ser trabalhado com os estudantes por meio do conhecimento, da cultura, da reflexão de como vemos o outro e como o outro se sente.

Segundo as coordenadoras do F1, Ana Barbosa e Estela Machado, cada série ou turma desenvolveu o projeto de acordo com a faixa etária correspondente ao seu segmento, estabelecendo os objetivos e atividades pertinentes ao tema de Educação Antirracista, nos seus aspectos Históricos e Geográficos, na Linguagem, na Matemática e nos diferentes componentes curriculares do Ensino Fundamental.

"No projeto resgatamos a história dos povos indígenas e africanos desde o início da chegada dos europeus ao Brasil, por meio da literatura, das artes, das tradições, da comida, através das pesquisas, das conversas significativas em grupos, da apresentação de vídeos, dos jogos e brincadeiras de matriz africana e indígena que, de certa forma, aproximaram a história de nossos estudantes com a infância desses povos", disseram as coordenadoras.

No primeiro semestre, o projeto culminou com a montagem da exposição *Terra das Palmeiras,* realizada de forma interdisciplinar com o 1º, o 2º e o 3º EF, abarcando a temática dos povos originários sob diversos prismas: as diferentes etnias e culturas que ocupavam o território brasileiro, a fundação do Rio de Janeiro, a chegada dos portugueses e a riqueza da biodiversidade da Mata Atlântica. E também com a promoção de jogos e brincadeiras de origem indígena, numa atividade conjunta entre as crianças dos 3º e 4º EF, e da realização de jogos matemáticos de matriz africana, com estudantes dos 5º e 6º anos, tendo como fio condutor a ancestralidade e nossa herança cultural.

Cultura afro-brasileira

O segundo semestre foi dedicado ao estudo da história e da cultura afro-brasileira que resultaram em ricos e variados projetos

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA, POR QUÊ?

A sociedade brasileira é fortemente marcada pelo racismo estrutural. Um dos papéis desempenhados pela educação é o de combater o racismo e qualquer tipo de expressão de preconceito ou discriminação, além de valorizar a contribuição histórica dos diversos povos responsáveis por nossa formação socioespacial com suas características próprias, sem estabelecer hierarquizações.

A Lei 10.639, de 2003, que inclui a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africanas e afro-brasileiras no currículo das redes de ensino, completa 20 anos e é um grande marco na educação antirracista. Mas muito ainda precisa ser debatido e colocado em prática no cotidiano escolar para garantir uma sociedade mais justa e fraterna.

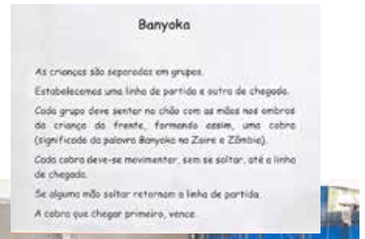
A educação antirracista existe para dar visibilidade ao debate, para proteger os componentes da comunidade escolar do racismo e garantir que tods, todas e todos tenham direito ao desenvolvimento integral.

Um currículo decolonial é o caminho para resistir e desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos subalternizados durante todos esses anos.

O Colégio São Vicente de Paulo é pautado em uma série de valores e virtudes. Os valores são os princípios que regem as ações e os comportamentos de todos os indivíduos que fazem parte da comunidade educativa. Dentre esses valores, o acolhimento e a inclusão; a valorização das diferenças; a construção do conhecimento com visão crítica da realidade; e o comprometimento com a transformação social, no exercício da cidadania, da cooperação e da solidariedade, podem ser destacados como compromissos da instituição com uma educação antirracista.

Paulo Henrique Barbosa de Andrade, professor de Geografia do 2º e 3º EM, é doutorando em Geografia pela UFF, onde integra o coletivo Geografias Pretas.

Na página ao lado, trabalhos do 3ºEF, expostos na Feira de Cultura e Compromisso Social; acima, as professoras Andréa Venâncio (T 301) e Cristiane Azevedo (T 303); e a aluna Rebeca Furtado (T 501) com seu trabalho sobre heroínas negras brasileiras.
Ao lado, Muniz Sodré, Jailson de Souza, Katiúcha Watuze e parte da equipe da APM na roda de conversa "É possível uma educação antirracista na sociedade brasileira?", realizada no dia 28 de novembro, no auditório do CSVP



No alto, a maquete da aldeia indígena e as palavras de origem Tupi-Guarani penduradas por toda sala durante a exposição Terra das Palmeiras, do 1º ao 3º anos EF. No ginásio, alunos do 4º ano experimentam um dos jogos de matriz africana-Banyoka. Embaixo, a saída pedagógica do 3º ano ao Cais do Valongo

apresentados durante a Feira de Cultura e Compromisso Social. Cada série trabalhou um aspecto de nossas raízes africanas. O 3º ano, por exemplo, abordou a arte oriunda da África em tecidos, máscaras, pinturas e também o sincretismo religioso, outra marca forte da cultura afro-brasileira. "Usamos livros paradidáticos e contos africanos, que nortearam muito nosso trabalho, e fizemos também uma saída pedagógica pelos pontos onde os africanos desembarcaram no Rio, como o Cais do Valongo e a Pedra do Sal, num passeio muito carregado de significado e importância para todos", disse a professora Andréa Venâncio, da turma 301.

"E a partir de tudo o que a gente desenvolveu nesse projeto, pedimos que os estudantes escrevessem frases antirracistas expostas na feira porque entendemos que na sociedade desigual em que vivemos é muito importante que essa nova geração desenvolva uma postura crítica em relação a isso", complementou a professora Cristiane Azevedo, da turma 303.

Já o 5º ano trabalhou o tema das heroínas negras brasileiras em cordel, no projeto intitulado *Vozes da Força, Beleza e Inspiração,* que envolveu as aulas de Artes, Música, Língua Portuguesa, Ensino Religioso e Ciências. Versos rimados foram criados, raps foram cantados, silhuetas foram recortadas, mensagens foram trabalhadas e retratos foram desenhados na identificação das realizações dessas mulheres.

"Foi um trabalho muito legal porque a gente pôde conhecer várias heroínas negras e ver como elas foram especiais na luta contra o racismo. Acho muito importante para a sociedade que a gente entenda como os negros sofreram e como a gente precisa mudar essa percepção preconceituosa que ainda existe sobre eles", avaliou a aluna Rebeca Furtado de Mendonça Rocha, da turma 501, durante a Feira.

Segundo o coordenador acadêmico do São Vicente, a ideia é que o Projeto Antirracista vá se ampliando paulatinamente para todos os segmentos de ensino. Ele está dentro do escopo de trabalho do Comitê de Ações Antidiscriminatórias, cujas iniciativas podem também endereçar o combate do machismo, do etarismo ou da homofobia, por exemplo. Já o Censo Étnico-Racial dos Educadores é um passo importante para o desenho de políticas afirmativas visando mais equidade na comunidade educativa. "Nosso objetivo principal é que o Colégio seja um ecossistema saudável, que promova a inclusão, celebre a diversidade e combata ativamente o preconceito", disse André Marques.

TÁ NO PPP

Valorizar as diferenças e superar as desigualdades e a intolerância, como reconhecimento das várias identidades que se manifestam na comunidade.
(Política Institucional 2)

Criar mecanismos que incluam pessoas de diferentes segmentos sociais, econômicos, culturais, étnicos e de gênero, bem como de distintas posições religiosas, garantindo-lhes instrumentos para se utilizarem dos bens da Comunidade Educativa, ao mesmo tempo que trazem suas contribuições.
(Linha de Ação 2.1)

CSVP INAUGURA SUA

AFROTECA

Um espaço de conhecimento, vivência e valorização da cultura afro-brasileira para toda a comunidade escolar. Assim é a Afroteca do Colégio São Vicente de Paulo, inaugurada em 7 de outubro, durante a Feira de Cultura e Compromisso Social. Parte integrante do Projeto Antirracista do CSVP, a ideia é que ela seja utilizada em projetos pedagógicos que destaquem nossas raízes africanas e seu papel constituinte e formador da sociedade brasileira.

A Afroteca foi montada na Sala de Exposições, próxima aos elevadores, no térreo, e visa reunir um rico acervo de objetos referenciados na tradição africana, tais como pinturas, desenhos, mapas, fotos, máscaras, livros, brinquedos e instrumentos musicais. Na sua idealização e montagem, a Afroteca contou com a curadoria da comunicóloga e empreendedora social Katiúcha Watuse, em parceria com o Clubinho Preto, que oferece conteúdo antirracista para crianças.

"Tivemos um primeiro encontro muito positivo com os educadores da escola, no final do ano passado, em que falamos sobre educação antirracista e como a gente constrói empatia nas relações do dia a dia com as crianças, colocando a corresponsabilidade de todos nessa empreitada de criar um ambiente mais saudável para todos. Assim nasceu o projeto da Afroteca", contou Katiúcha.

A decoração da sala ficou a cargo de sua parceira de projetos Alexia Sant´Anna, artista visual afrorreferenciada. Estão ali as Adinkras, símbolos ancestrais dos povos Akan, da região hoje compreendida por Gana e Costa do Marfim, na África Ocidental, que expressam valores tradicionais, ideias filosóficas e normas sociais. Como o Sankofa, simbolizado por um pássaro que volta a cabeça à cauda, significando a sabedoria de aprender com o passado para construir o presente e o futuro. E o Ubuntu, filosofia africana que significa "eu sou porque nós somos", mostrando a nossa interconectividade e inspirando nas crianças o senso de comunidade e respeito às diferenças.

Nas paredes da Afroteca há também um painel de fotos de personalidades negras como a escritora Conceição Evaristo, o abolicionista Luís Gama, o geógrafo Milton Santos, o cineasta Zózimo Bulbul e a repórter Glória Maria, entre outros, e as famosas Abayomis, bonecas pretas de pano, criação da artesã Lena Martins, natural de São Luís do Maranhão.

Entre os livros disponíveis, estão *Nuang, caminhos da liberdade*, de Janine Rodrigues, a coleção para crianças *Nana e Nilo*, de Renato Nogueira e, para os mais velhos, *História Geral da África*, compilada pela Unesco em oito volumes, abordando desde a pré-história do continente africano até os anos 1980. "Estamos dando o pontapé inicial e deixando uma listagem grande de sugestões de autores negros – africanos e afro-brasileiros que escrevem para crianças, jovens e adultos, para que a escola possa ir enriquecendo esse acervo", finalizou Katiúcha Watuse.

A decoração da Afroteca: painel com personalidades negras, livros de autores africanos e afro-brasileiros, uma boneca de pano Abayomi, da artista maranhense Lena Martins, e a curadora do espaço, a comunicadora e empreendedora social Katiúcha Watuse

A ALEGRIA VOLTOU!

Arraiá do CSVP 2023 marca o retorno da tradicional festa junina no pátio, ausente do calendário escolar desde 2019

Com as bênçãos de Santo Antônio, São João e São Pedro, o Arraiá do CSVP 2023 voltou a agitar o pátio do colégio no sábado 1º de julho, quatro anos depois da última festa junina celebrada na escola. Um dos eventos mais tradicionais e queridos da comunidade vicentina, ele esteve ausente do calendário escolar em função da pandemia de Covid-19 e voltou com força total, matando as saudades de todos os que amam os ritmos, as brincadeiras e os sabores da festa caipira do São Vicente.

A alegria voltou e reinou. Era o que se via estampado nos sorridos das crianças e adolescentes e também dos familiares e educadores que se congraçavam, embalados pela sanfona, a zabumba, o triângulo e a rabeca do Quarteto Cósmico e o colorido das bandeirinhas, dos vestidos de chita e das camisas xadrez dos presentes.

Nas barracas, canjica, salsichão, churrasquinho, milho cozido, maçã do amor, bolos e doces típicos faziam a delícia de todos e ajudavam a manter a energia dos que se aventuravam a montar no touro mecânico e arriscar uns passos no forró, na ciranda ou na quadrilha. Das brincadeiras, teve ainda pescaria, pula-pula e o tradicional Correio do Amor, sucesso maior entre os jovens. Na sala de exposições, as fotos temáticas da Alma Retrô Fotografia garantia lindos e divertidos registros dos participantes do arraiá.

Concurso de Estamparia

Foram 13 horas de festa, com a programação dividida pelos três segmentos de ensino. Às 8h30 foram abertos os trabalhos com as atividades recreativas do Minigrêmio. As turmas do Fundamental 1

Na página ao lado, as meninas dançam ao som do Quarteto Cósmico e, no detalhe, o touro mecânico. Acima, as brincadeiras da festa: a boca do palhaço, a pescaria, a quadrilha com todos no pátio e a dança country do 4ª ano EF

se apresentaram em danças coletivas até as 12h15, quando foi feita a premiação do 1º Concurso de Estamparia Junina do CSVP para os alunos e alunas do 1º ao 5º ano.

Lançado pela Associação de Pais e Mestres, o concurso premiou os melhores desenhos com motivos juninos para estampar camisetas ou ecobags, que foram vendidas na festa. O Fundamental 1 participou em peso do certame, com 49 desenhos lindos e um contingente de 281 crianças votantes. No segmento, saíram vencedores Clara Quiroga Gomes de Almeida, da turma 202, com o desenho *Amor em Junho* (lápis e caneta); Clara Pietrobelli Ewbank Victor, da 403, com *Gatos Juninos* (arte digital); e Gabriel Cordovil Abritta Figueiredo, da 401, com *Uma Festa Junina* (lápis e caneta).

Às 13h30 foi a vez das turmas do 7º ao 9º ano promoverem suas atividades recreativas, comandadas pelo Gref. Antes do quadrilhão que reuniu as três séries no pátio, a APM entregou os prêmios às quatro alunas participantes do Concurso de Estamparia do Fundamental 2: Alice Teixeira de Souza Mota, da turma 603, pelo desenho *Minha Festa Junina* (lápis, giz de cera e caneta); Tereza Arcuri, da 603, por *Jardim Junino* (aquarela com pincel língua de gato); Valentina Vellucci Mancini Costa Pereira, da 701, por *Arraiá Anarriê* (silk screen); e Cecilia Barbosa da Silva, da 902, por *A Volta da Festa Junina* (lápis).

Antes das turmas do Ensino Médio ocuparem o pátio com a Gincana Cultural do Grem e a Banda Patuá, de ex-alunos do colégio, integrantes dos corais SVEM e SVAC brindaram o público com belas canções, num convite para a grande festa comemorativa dos 30 anos dos coros do SV, celebrada no final de agosto. As duas únicas alunas do EM a participar do Concurso de Estamparia foram consideradas as vencedoras segmento e, como os demais, também receberam de presente camisetas e sacolas ecológicas com seus desenhos estampados. Foram elas: Sofia Sánchez Schimiti, da turma 3A, pelo desenho *Cordel dos Amantes* (nankin em imagem vetorizada) e Luana da Mota Fernandes, da 3A pela obra sem título feita a lápis e caneta.

À noite, depois do quadrilhão do EM, todos se juntaram no pátio numa enorme quadrilha espontânea, encerrando com brilho mais um Arraiá do CSVP. Como nos anos anteriores, o dinheiro arrecadado na festa foi revertido para os projetos sociais do colégio. Festa vicentina é assim: animada e solidária. Anarriê!

A presença da APM na festa: no alto à direita, Andrea Marques, da Alma Retrô, fotografa grupos de pais e alunos; trabalhando na barraca da APM, Sacha Leite e Yajaida Maia e, distribuindo o mel do projeto social Caixa de Abelhas, o secretário Edevino Panizzi. Na foto acima, Adryana Furtado entrega o prêmio à aluna Valentina Pereira (à direita), que mostra a sua criação.

CONCURSO DE ESTAMPARIA
VENCEDORES

ENSINO MÉDIO

SOFIA SÁNCHEZ SCHIMITI - 3A
CORDEL DOS AMANTES
NANKIN EM IMAGEM VETORIZADA

LUANA DA MOTA FERNANDES, 3A
OBRA SEM TÍTULO
LÁPIS E CANETA.

ENSINO FUDAMENTAL 2

ALICE T. DE SOUZA MOTA, T 603
MINHA FESTA JUNINA
LÁPIS, GIZ DE CERA E CANETA

TEREZA ARCURI, T 603
JARDIM JUNINO
AQUARELA

VALENTINA V. MANCINI, T 701
ARRAIÁ ANARRIÊ
SILK SCREEN

CECILIA BARBOSA DA SILVA, T 902
A VOLTA DA FESTA JUNINA
LÁPIS

ENSINO FUDAMENTAL 1

CLARA Q. G. DE ALMEIDA, T 202
AMOR EM JUNHO
LÁPIS E CANETA

CLARA EWBANK VICTOR, T 403
GATOS JUNINOS
ARTE DIGITAL

GABRIEL ABRITTA FIGUEIREDO, T401
UMA FESTA JUNINA
LÁPIS E CANETA

TRÊS PERGUNTAS PARA: **LUCIANA GRETHER**

FOTO ELISA BINA

Luciana em vários momentos: com estudantes do 5ºano, na pintura do muro, lendo o livro *Cordel da Candelária* para os alunos na Biblioteca Menino Maluquinho, autografando o livro *Marinela* na FLIP e expondo suas ilustrações na Bienal Internacional de Ilustração de Bratislava, na Eslováquia, em 2017

TÁ NO PPP

Colocar-se como "comunidade aprendiz", em que os erros e os acertos tornem-se oportunidades impulsionadoras da aprendizagem.
(Política Institucional 3)

Criar, conjuntamente, condições para que o Professor seja estimulador de reflexões sobre a realidade, construtor de sentidos que resgatem o prazer de aprender e ensinar.
(Linha de Ação 3.4)

Mestre em Artes e Design pela PUC-Rio, com licenciatura plena em Artes pelo UniBennett, Luciana Grether tem uma longa trajetória como escritora e ilustradora de livros infanto-juvenis, e é também professora de artes do CSVP há dez anos. "Mas o São Vicente já habitava em mim pelos relatos de amigos que estudaram no colégio e tinham experiências maravilhosas especialmente nas aulas de artes", ressalva. Ao ser selecionada passou a dar aulas para o 5º. ano, série em que havia trabalhado no início da sua vida como professora, mas da qual estava afastada na época da contratação, quando trabalhava com Ensino Fundamental (anos finais), Ensino Médio e Graduação. Luciana lembra que, ao ser questionada se gostaria de assumir essas turmas, refletiu que estaria com crianças que eram, justamente, da faixa etária dos leitores dos livros que ilustra. "Como ilustradora eu estava sendo contempladíssima em conviver com um grupo que me atualizava sobre questões da infância e pré-adolescência!", conta ela, que garante: "Desde então, a cada aula, vivemos encontros criativos e emocionantes nas realizações dos projetos de artes na sala de aula."

1 Como você avalia a importância das aulas de artes no Ensino Fundamental?
As aulas de artes são oportunidades de viver pesquisas e práticas em um ambiente de reconhecimento de saberes e fazeres culturais. Na sala de artes há estrutura para dinamizações com diversas materialidades que geram curiosidade e estimulam a criação. Os exercícios a partir dos elementos e dos recursos da linguagem visual e de leituras de imagens ampliam o repertório para composição, envolvem os estudantes nas múltiplas questões da arte, promovem uma aprendizagem contínua e uma interação com o mundo a partir de desejos poéticos pessoais e do diálogo com representações estabelecidas através dos tempos.

"SE RECONHECER LIVRE PARA CRIAR TENDO REFERÊNCIAS NA CULTURA BRASILEIRA É UMA GRANDE CONQUISTA NESSE PROJETO QUE REALIZAMOS NO COLÉGIO."

2 Você desenvolve, já há algum tempo, um trabalho de resgate da cultura do bumba-meu-boi que apresenta sempre na Festa Junina. Como é esse trabalho?
Desde 2013 "brinco" Boi e Caboclinho com as turmas do 5º ano. Digo brinco, porque através das pesquisas sobre essas manifestações artísticas os estudantes são convidados a criar performances próprias. A brincadeira de Boi, por exemplo, está em várias regiões do Brasil e não diria que faço um resgate, porque ela não está perdida, está vivíssima e em sua gênese ela propõe que ciclos da vida sejam reconhecidos contemplando singularidades locais. Dessa forma, a partir de pesquisas de diferentes contextos culturais, podemos criar uma apresentação na qual os estudantes se sentem pertencentes em suas possibilidades de performatizar. Se reconhecer livre para criar tendo referências na cultura brasileira é uma grande conquista nesse projeto que realizamos no colégio.

3 Como é conjugar a vida de escritora, ilustradora e professora de artes?
Ilustro desde 1998 e sou professora desde 2003. Dou aulas no 5º ano no São Vicente, no Ensino Médio no Sacre-Couer de Marie e na Graduação em Artes & Design na PUC-Rio. As atividades como ilustradora e professora de artes, história da arte e design se complementam. Estou sempre envolvida com a criação de narrativas visuais a partir das referências históricas e contemporâneas na arte da representação. Os temas trabalhados nas aulas muitas vezes se correspondem com textos que tenho pra ilustrar, outras vezes os estudantes dão ideias pra cenas dos livros que ilustro, compartilho com as turmas momentos em que é adotado o tratamento gráfico de um projeto literário a ser realizado. A energia da criação está comigo nas aulas, porque sou ilustradora, bem como está com os estudantes que estão criando suas artes em sala de aula. Desenhando e ensinando continuo aprendendo.

GRÊMIO GRAÚNA A TODO VAPOR!

Desde 2018 que o Grêmio Graúna, órgão de representação dos estudantes do Colégio São Vicente, não via seus três subgrupos plenamente representados. Mas este ano, não só eles estão todos ativos como tiveram eleições bastante disputadas: para o Grem – Grêmio do Ensino Médio, inscreveram-se três chapas (sendo que uma foi impugnada por não cumprir todos os requisitos); para o Gref (do Fundamental 3), disputaram duas chapas; e para o Minigrêmio (do EF 1 e 2), nada menos do que seis chapas concorreram.

Em 2019, um ano depois de eleger uma chapa única, o Grem precisou fazer uma extensão de mandato de sua diretoria, representando todo o alunato do CSVP, já que os dois outros subgrêmios nem eleições tiveram. A pandemia de Covid só fez dificultar ainda mais a mobilização estudantil, que se manteve graças ao esforço de um grupo reduzido de gremistas. Mas este ano o cenário é outro.

"2023 foi o ano em que de fato voltamos a pleno vapor, com todos os eventos institucionais acontecendo – jogos, festa junina, feira, saídas pedagógicas...Os estudantes estavam ávidos por participar de tudo e com os grêmios não foi diferente", avaliou a coordenadora comunitária do colégio, Laura Régent.

"Além do mais, a eleição presidencial do ano passado trouxe um novo ânimo para o movimento estudantil que estava muito sufocado durante o governo Bolsonaro. Muitas dessas crianças e adolescentes, que tiveram pouca ou nenhuma participação política estudantil, de repente despertaram para uma onda cívica forte que tomou conta do país", complementou Renata Salles, também integrante da equipe Comunitária.

Somado a tudo isso, o Grêmio Tropicália, da diretoria anterior, abraçou como uma de suas últimas iniciativas a tarefa de atualizar o Estatuto do Grêmio, que datava de 1981. No início de maio, um plebiscito em que votaram estudantes do 9º ano e do Ensino Médio aprovou o Termo Aditivo nº 1 do Estatuto do Grêmio, permitindo que o processo eleitoral e as rotinas da representação estudantil fluíssem melhor.

Pelo Aditivo, ficou acertado que o mandato dos grêmios passaria a ter duração de dois anos, em vez de um, para que eles disponham de um tempo maior para pôr em prática os projetos propostos. A própria composição dos grupos também precisou ser alterada para se ajustar às mudanças de turno das séries e facilitar a comunicação entre os integrantes das entidades.

Assim o Minigrêmio, que antes representava os estudantes do 1º ao 5º ano, passou a contemplar também o 6º ano. O 7º ano e o 8º, atualmente no turno da manhã, agora compõem o Gref juntamente com os alunos do 9º ano, que antes eram representados pelo Grem, formado agora apenas pelos estudantes do próprio Ensino Médio, como indica seu nome.

> "A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DO ANO PASSADO TROUXE UM NOVO ÂNIMO PARA O MOVIMENTO ESTUDANTIL"
>
> **RENATA SALLES,** DA EQUIPE COMUNITÁRIA

Organizadas as eleições e concluída a votação, saíram vencedores o Grêmio Meraki para o Grem, a Chapa Edson Luís para o Gref e a CSVP no Mundo para o Minigrêmio, cada um deles com 12 integrantes, sendo no mínimo dois de cada série ou ano do segmento como manda o novo Estatuto.

As plataformas são extensas e o pessoal já está com a mão na massa. "Uma das nossas ideias é fazer um jornal, mas vimos que tem muita coisa pra organizar e decidir, então ele vai ficar pro ano que vem. Mas a rádio a gente acha que consegue fazer ainda este ano. Estamos trabalhando pra isso", disse Gustavo de Arruda Raffo, da turma 602 e integrante do Minigrêmio.

O Grem já contabiliza entre seus feitos um bem sucedido Correio do Amor e uma Gincana na Festa Junina do Colégio e uma rifa de um rodízio japonês sorteada durante a Feira de Cultura e Compromisso Social, que conseguiu arrecadar R$ 1.500 para ajudar na meta de construir mais uma casa da ONG Teto. "Estou gostando muito da experiência de participar do grêmio", disse a aluna do 2º EM e integrante do Grem Violeta Suarez Cabral, que entrou este ano para o colégio. "Para o ano que vem, vamos fazer muito mais", garantiu.

TÁ NO PPP

Fomentar uma Cultura Institucional de atenção ao outro, à natureza, a si mesmo e ao Transcendente, segundo as necessidades pessoais e coletivas, com base nos valores da mística e das virtudes vicentinas.
(Política Institucional n. 1)

1.3 - Promover situações de interação e práticas cooperativas que permitam incentivar, reconhecer e desenvolver lideranças inovadoras capazes de atuar em distintas situações.
(Linha de Ação 1.3)

OS SUBGRÊMIOS E AS CHAPAS VENCEDORAS

MINIGRÊMIO
CHAPA CSVP NO MUNDO

JOANA ESPOSEL - 401
VALENTINA ABREU - 401
OLIVIA LEITE - 402
REBECA ROCHA - 501
MARIA ZADROZNY OLIVEIRA - 502
MARIA EDUARDA GALLUCCI - 503
RODRIGO LINCK -601
TOMÁS RUDGE - 601
GUSTAVO RAFFO - 602
JULIA SHARP - 603
MARIA FERNANDA RIBEIRO - 603
LAURA TRIGO BERNARDO - 604

GREF
CHAPA EDSON LUIS

ARTHUR ALMEIDA – 902
LUISA MATHIAS – 902
NIX AMADO – 902
HELENA CARDOSO – 903
MIGUEL BOSISIO – 901
EDUARDA BASTOS – 901
CLARISSE OZELIN – 901
HELENA MARAVILHAS – 803
ISABELA CORRÊA – 802
OLIVIA PERPETUO – 803
LAURA HADDAD – 703
GIOVANA MARTINEZ – 702
BEATRIZ PACHECO 702

GREM
CHAPA MERAKI

ISADORA MARTINS – 1A
JOÃO NUNES MONDIN – 1A
MATIAS DOMENECH – 2A
VIOLETA SUAREZ CABRAL – 2A
CRISTIAN OLIVEIRA ANDA – 2C
ANA CLARA ONETO ROUEDE – 3A
BEATRIZ GAIA DOBAL CUCCO – 3A
LUISA NOGUEIRA SCHMITT – 3A
JULIA OLIVEIRA PEÇANHA – 3A
SAMUEL BRENO SANTOS – 3C

O GRANDE PODER DO CANTO CORAL

Cantores e ex-cantores de várias gerações uniram suas vozes para celebrar os 30 anos dos corais do São Vicente

TÁ NO PPP

Valorizar as diferenças e superar as desigualdades e a intolerância, como reconhecimento das várias identidades que se manifestam na comunidade.
(Política Institucional 2)

Valorizar os procedimentos que permitam compreender o Sujeito, a Sociedade e o Mundo, a partir de diferentes olhares sobre a realidade, com destaque para o saber científico e as manifestações artísticas.
(Linha de Ação 2.4)

"O homem planta um rebolinho de maniva/Aquela maniva com dez dias tá inchada/Começa a nascer aquela folha orvalhada/Ali vai se criando aquela obra positiva", diz a canção *Grande Poder*, de Mestre Verdelinho.

Foi ela a última música do repertório apresentado na Sala Cecília Meireles, no domingo 27 de agosto, e reprisada no sábado seguinte, durante a Farra Coral no pátio do colégio, para celebrar os 30 anos dos coros do Colégio São Vicente de Paulo.

Os versos ilustram bem o que representa o movimento deslanchado em 1993, pela regente Patricia Costa, com a criação de um coral do Ensino Médio no colégio. E não por acaso dão título a seu livro *Rebolinho de Maniva – Histórias dos 30 anos dos corais do São Vicente*, lançado e autografado na festa. É que a semente plantada lá atrás vingou e frutificou. Hoje são nada menos do que sete coros em atividade no CSVP: Mirim, Infantil, Infantojuvenil, São Vicente Ensino Médio (SVEM), São Vicente a Cappella (SVAC), Amigos do São Vicente (ASV) e São Vozes, que fazem da escola uma referência em canto coral não só no Rio mas em todo o Brasil.

Patricia, que formou alguns dos regentes à frente dos coros, hoje mora em Portugal e voltou ao Brasil especialmente para a comemoração, reunindo os atuais maestros e seus cantores, além de ex-cantores do projeto ao longo do tempo. Juntos, eles revisitaram o repertório dos diferentes grupos com nada menos do que 300 integrantes cantando no mesmo palco. Foi uma verdadeira ovação!

"Estou achando muito legal estar cantando junto com todos os corais", disse a aluna do 5º ano Mariana Freeland, que ingressou este ano no Infantojuvenil. "Tô amando as músicas que o meu professor (Guilherme Imia) sugere pro nosso coro. Queria que tivesse ensaio mais vezes".

Isadora Ordine, estudante do 9º ano na Eden e integrante do SVAC, curtiu especialmente poder cantar ao lado dos pais, os músicos Augusto Ordine e Maíra Martins, do grupo vocal Ordinarius. "Eles se conheceram no SVAC em 1999 e agora estamos os três cantando juntos nesta festa. Demais!".

Integrante do ASV desde 2004, Marcia Naidin também dividiu o palco com os filhos Luna e Ilan Vale, que fizeram toda a formação escolar no São Vicente e no seu tempo de estudantes integraram tanto o SVEM quando o ASV. "É muito emocionante esse encontro porque desses 30 anos dos corais, 20 eu acompanhei de dentro. Cantar é uma delícia, e o congraçamento que essa festa propicia, juntando famílias de coralistas de todas as idades e de todas as épocas, é muito lindo", afirmou.

Aproximação de gerações

Patricia Costa confirmou essa impressão. "Observamos a atividade coral da escola como ponto de aproximação de gerações. Hoje, neste palco, temos muitos pais, mães, filhos, avós, netos, irmãos e companheiros. Quer ver? Quem aqui tem alguém da família cantando junto com você?", perguntou ela aos cantores. E uma avalanche de mãos se levantou.

Na Sala Cecília Meireles foram ao todo 20 canções nos mais variados estilos e ritmos, nacionais e internacionais, eruditas e populares, antigas ou contemporâneas. No pátio do colégio, dessas, foram selecionadas dez. Acompanhados dos músicos Leandro Vasques (baixo), Leo de Freitas e Cadu Fausto (piano) e Tom Andrade (percussão), os coros Mirim, Infantil e Infantojuvenil abriram juntos os trabalhos cantando *Bahana*, música tradicional do Congo, sob regência de Débora Braga e Guilherme Imia.

Danilo Frederico, regente do São Vozes e do ASV, comandou os dois grupos em algumas canções por eles imortalizadas, dentre elas *Feminina*, de Joyce Moreno, e *As Caravanas*, de Chico Buarque, respectivamente, ambas com arranjos de Leo de Freitas. Hoje à frente do SVEM e do SVAC, Taiana Machado regeu em seguida os dois coros em sua formação atual cantando *Lindo Balão Azul*, de Guilherme Arantes, e *Velha Roupa Colorida*, de Belchior, arranjada por Lucas Linder, dentro outros sucessos.

Patricia Costa autografando seu livro *Rebolinho de Maniva – Histórias dos 30 anos dos corais do São Vicente*. A apresentação na Sala Cecilia Meireles, em agosto, e a Farra Coral, no pátio do colégio, com os demais regentes. Nos detalhes, participantes dos coros de ontem e hoje: a aluna Mariana Freeland e Marcia Naidin com os filhos Luna e Ilan Vale ao lado de Patricia, no lançamento de seu livro

GENEROSIDADE E ESCUTA DO OUTRO

Quem canta nos coros do São Vicente certamente já ouviu esta história. Mas não custa espalhá-la aqui para todo mundo. Corria o ano de 1992, quando a então cantora e atriz Patricia Costa se encantou ao ver um bando de adolescentes descendo a rua de caras pintadas, em manifestação pelo impeachment do presidente. Ali ela pensou: "é com essa turma e essa energia que eu quero trabalhar". Escreveu um projeto para a montagem de um coro juvenil e o propôs ao Colégio São Vicente, que o abraçou. Assim começou a história dos corais que hoje fazem tanto sucesso no CSVP.

Antes de Patricia Costa chegar, já existia um registro de coros na história do colégio, que remotam ao final dos anos 1970, com os maestros Homero Magalhães, pai e filho, e depois com Paulo Malaguti. Mas, como lembrou a própria Patricia em entrevista *À Chama*, "uma coisa é você ter um regente de coro numa escola, como foi o caso dos excelentes maestros citados, outra é ter um educador, que usa o canto coral como instrumento de educação". Isso fez diferença. "Quando entrei no Vicente, eu estava no meio da minha licenciatura e completamente antenada para as questões de educação em primeiro lugar, e depois de música", contou ela.

Na mesma época, Norma Nogueira estava entrando para trabalhar musicalização com as crianças e durante um tempo as duas fizeram um trabalho de coro juntas. Em 1997, apareceu o I Concurso Nacional Funarte e, para participar dele foi formado na escola um coro *a cappella* (sem acompanhamento de instrumentos), que acabou por tirar o primeiro lugar no segundo concurso da Funarte, em 1999.

Nascia ali o São Vicente a Cappella, que seguiu trajetória vitoriosa anos afora. Em novembro de 2013, o SVAC viajou a Mendoza, na Argentina, para participar da 25ª. edição do Cantapueblo, o maior festival de canto coral das Américas. E seis anos depois, a glória maior: conquistou o primeiro lugar na categoria coro misto, no mais importante festival de coros jovens do mundo, o Summa Cum Laude, realizado na Áustria.

Enquanto o SVAC se fortalecia, o projeto do canto coral também crescia nos demais segmentos do colégio, com apoio dos próprios cantores, dos responsáveis, dos demais regentes, dos professores de música, da Associação de Pais e Mestres e do próprio colégio, que sempre acreditou e valorizou os corais.

"Todos esses 30 anos foram pautados por um ideal: levar o canto coral aos jovens. O coral nos ensina sobre coletividade, é exercício de democracia. Acredito que o grande sucesso dos corais do São Vicente tem a ver com a própria visão vicentina de educação, baseada em generosidade e escuta do outro", finalizou Patricia. Que venham outros 30 anos de canto coral no CSVP!

Depois foi a vez da própria Patricia Costa convidar ex-cantores para junto aos atuais apresentarem *O Ciúme*, de Caetano Veloso, com arranjo de Vicente Ribeiro, e *Roque Santeiro, o Rock*, de Gilberto Gil, arranjado por ela própria, em meio a outros clássicos do repertório dos coros.

As músicas eram entremeadas por textos falados por coralistas e regentes relembrando passagens e pessoas marcantes na história dos corais, como a maestra e preparadora vocal Malu Cooper, falecida há dez anos, a quem foi dedicada a canção *Que nem jiló*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, com arranjo Leandro Vasques, num momento de enorme emoção da festa.

> "O CORAL NOS ENSINA SOBRE COLETIVIDADE, É EXERCÍCIO DE DEMOCRACIA."
>
> PATRÍCIA COSTA

Ao final, todos os grupos cantaram juntos *Ciclo sem fim*, de Elton John e Tim Rice, em arranjo de Patrícia, e a popular *Grande Poder*, com arranjo do cantor e maestro Paulo Malaguti, o Pauleira, seguidas de longos e calorosos aplausos da plateia.

No pátio do colégio, a noite ainda foi recheada de *coralokê,* aberto a quem quisesse cantar, lançamento do acervo de mais de 500 partituras doadas à biblioteca para uso dos coros, entrega de placa comemorativa a todos os regentes pela Coordenação Comunitária e, claro, o tradicional bolo, compartilhado pela comunidade vicentina entre abraços, beijinhos e carinhos sem ter fim.

https://www.youtube.com/watch?v=OfahvEVeQ9E
(apresentação dos corais na Sala Cecília Meireles, em 26/8/23)

O SVAC pelo mundo: nas fotos superiores, em 2013, no Cantapueblo, Argentina. Ao lado e acima, em 2019, recebe o primeiro prêmio no festival Summa Cum Laude, na Áustria. Na página ao lado, Patricia recebendo a placa comemorativa dos 30 anos

MURO DA GENTILEZA E DA EMPATIA

Nova pintura na porta da escola homenageia os povos indígenas do Brasil

Variados tons de terra contrastando com o negro do carvão dão vida a elementos figurativos da natureza combinados com diferentes grafismos geométricos. É a nova pintura do Muro da Gentileza que, desde o início de julho, chama a atenção de quem passa em frente ao Colégio São Vicente de Paulo. Projeto dos alunos de Artes Visuais do 2º ano do Ensino Médio, com a participação de colegas do 3º ano que fazem preparação para o THE – Teste de Habilidade Específica de Arquitetura e Design, a pintura é uma homenagem aos povos indígenas do Brasil.

Ela faz parte do projeto antirracista e de um dos lemas que a escola está propondo no projeto eixo em 2023 – "construindo um ecossistema saudável para a vida e para o trabalho" – e foi pensada pela professora Claudia Marçal, a Cacau, como forma de apresentar e valorizar a diversidade da arte dos povos originários de nossa terra.

"Apesar de termos hoje, pela primeira vez na História do Brasil, uma ministra dos povos indígenas, materializando a representatividade dessa população, existe um grande desconhecimento da sua cultura e da sua arte, sobretudo entre as gerações mais jovens", justificou Cacau. Com o projeto, ela buscou aliar o conteúdo programático do 2º EM – arte abstrata e geométrica – com a riqueza da arte indígena brasileira para propor uma reflexão sobre a importância de nossa reconexão com a natureza e de empatia e cuidado na relação com o outro.

Depois de assistir a vídeos produzidos pelo Museu de Arte Indígena, de Curitiba, com artistas indígenas apresentando seus trabalhos em materiais diversos, os alunos foram convidados a pesquisar no laboratório sobre a cultura e as artes dos povos de diferentes aldeias do país. Divididos em grupos, eles puderam optar por trabalhar com o universo artístico de uma ou mais etnias ou com a obra de algum artista indígena contemporâneo em particular.

Escolhidos os enfoques de cada projeto, cada grupo fez seus desenhos em papel na sala de aula e, em conjunto, a turma decidiu como seria a composição dos trabalhos no espaço do Muro da Gentileza. O passo seguinte foi fazer um primeiro esboço dos desenhos em carvão no próprio muro e em seguida veio a aplicação das tintas, fabricadas pelos alunos em aula com elementos naturais, como argila de diferentes tons e carvão vegetal.

Respeito à vida e à cultura

O resultado, além de belíssimo, é um convite a se pensar sobre o respeito à vida e à cultura desses povos e a aprender com eles sobre como viver harmonicamente com a natureza. Na parte mais à esquerda de quem olha o muro, vê-se uma grande árvore e imagens de um tucano, uma onça e uma capivara. "Nosso grupo escolheu homenagear o Denilson Baniwa, um dos mais importantes artistas indígenas da atualidade. Ele trabalha muito com temas relacionados à natureza e por isso também quisemos usar esses elementos no nosso projeto", explicou o aluno Lucas Araújo Costa.

Do lado direito do muro, o que se vê é uma combinação geométrica dividida entre arte abstrata e figurativa com elementos da vida indígena como a floresta, o rio e a canoa, simbolizando a identidade de etnias diversas. Mais ao centro, vemos a imagem de uma mulher indígena no meio da copa de uma árvore estilizada, que se ramifica entre elementos gráficos inspirados na etnia guarani. E na parte superior do muro, num forte contraste entre as cores preta e telha, típicas da arte indígena, a linha do horizonte representando a paisagem carioca serve de apoio para a grafia do Muro da Gentileza influenciada pela logo do museu indígena curitibano.

Para os alunos, os aprendizados trazidos pelo trabalho foram muitos: produzir as próprias tintas com terra, trabalhar em equipe e conhecer a riqueza da arte indígena foram alguns deles. "Eu levo a importância de dar visibilidade às culturas originárias de nosso país para preservar memória e identidade", sintetizou o aluno Joaquim Lage em sua avaliação sobre o projeto da nova arte do Muro da Gentileza, cuja confecção foi registrada em documentário pelos alunos de mídia da professora Cristina Ferrel.

"Quando esse trabalho fica na porta da escola, a arte ganha o espaço da rua como intervenção urbana. E a gente também chama a sociedade para refletir sobre essas questões e ampliar o olhar de gentileza dos objetos, que são deixados ali pra quem quiser pegar, para a solidariedade e o reconhecimento aos povos originários do Brasil, que têm tanto a nos ensinar", concluiu Cacau.

TÁ NO PPP

Promover ações e atitudes transformadoras da realidade (Política Institucional 4)

Aproveitar as possibilidades que o Bairro e a Cidade oferecem para ampliação do espectro cultural dos Alunos e Educadores, incluindo as manifestações artísticas com perspectivas populares (Linha de ação 4.4)

VOCÊ TEM FOME DE QUÊ?

Para a pintura do grande muro ao lado da quadra de esportes, a professora de artes do 6º ano, Maristela Pessoa, propôs aos estudantes pensar os materiais usados questionando o próprio papel da arte: "A sua função é apenas produzir beleza ou a arte pode nos ajudar também a pensar sobre o mundo em que vivemos?". Tendo como referência obras de artistas como Mundano, que usou lama de Brumadinho num grafite, e Lira do Vale, que trabalha com pigmentos naturais, as crianças da série puseram literalmente a mão na massa – no caso argila, raízes e sementes para produzir as tintas que deram vida às formas circulares da pintura, como pratos, propondo soluções para o problema da fome. "Eles foram muito criativos e trouxeram ótimas ideias", disse a orgulhosa professora.

DUAS VICENTINAS NA DEFENSORIA PÚBLICA

Ex-alunas Maíra Fattorelli e Rafaela Ramacciotti escolheram atuar profissionalmente levando justiça aos mais necessitados

As duas estão distantes das atrações, confortos e brilhos da vida na Zona Sul carioca onde nasceram e sempre viveram, por conta da opção profissional que fizeram: levar justiça às camadas mais necessitadas e vulnerabilizadas da população brasileira. Uma está lotada em Ipiaú, município com menos de 50 mil habitantes, no sudoeste baiano. A outra chegou há pouco a Florianópolis de onde sairá em breve para assumir um posto no interior catarinense.

Estamos falando das ex-alunas Maíra Fattorelli e Rafaela Ramacciotti, formandas do São Vicente em 2007. Hoje com 33 anos de idade, elas estão iniciando uma trajetória de muito trabalho e luta como Defensoras Públicas, cargo a que chegaram depois de serem aprovadas em concursos que exigem enorme estudo, preparo e dedicação.

Não foi uma escolha trivial. Quando ingressou no Direito da PUC-Rio, no ano seguinte à conclusão do Ensino Médio, Maíra nem sabia da existência da Defensoria Pública. Entrou na faculdade imbuída do espírito vicentino de querer fazer algo que contribuísse para a transformação social, mas não sabia exatamente como.

"Foi até engraçado, porque meus pais são fotógrafos e ficaram surpresos com a minha escolha. Eu cheguei a começar a faculdade de Geografia, junto com o Direito, por conta dessa inquietação da minha família, mas acabei ficando com a minha primeira opção mesmo. Participei de um grupo de pesquisas sobre Direitos Humanos e vi que era por aí que eu queria seguir. Soube que a Defensoria do Rio tinha um núcleo de Direitos Humanos e me ofereci para ser estagiária voluntária lá. Assim começou minha história de amor com ela. Depois de ser voluntária, ingressei oficialmente como estagiária e tive ali um encontro com a Defensoria Pública. Foi a instituição que materializou a transformação que eu estava buscando. Me formei em 2014, fiz um mestrado e comecei a estudar para o concurso da Defensoria até passar para o Estado da Bahia", conta Maíra.

O caso de Rafaela foi de certa forma o oposto. Seu pai é advogado trabalhista e a mãe, juíza do Trabalho, mas ela saiu do colégio certa de que não queria seguir por esse caminho. Passou para Ciências Sociais na UFRJ, mas por insistência dos pais entrou também no Direito da UniRio. "Fiz um semestre, mas tranquei. Achava aquilo muito chato, e estava curtinho o curso de Ciências Sociais. Mas no meio do caminho, eu vi que não queria fazer pesquisa nem ser professora e decidi voltar para o Direito para ver qual era. Logo depois, comecei a estagiar na Defensoria do Rio como voluntária e me encontrei ali. Fiquei um ano na Vara de Fazenda, depois fui efetivada na Vara Criminal. Cheguei a estagiar num escritório pouco antes de me graduar, mas não gostei e fiquei

As duas ex-alunas assumindo seus cargos de defensoras públicas; Maíra Fattorelli na Bahia, nas fotos superiores e, ao lado e acima, Rafaela Ramacciotti em Santa Catarina

"A EXPERIÊNCIA NA DEFENSORIA É DE FATO ALGO QUE MUDA A SUA PERSPECTIVA DE MUNDO"

RAFAELA RAMACCIOTTI

pouco tempo. Depois que eu me formei, em 2017, me foquei em passar no concurso para a Defensoria e fiz vários, em diferentes estados do Brasil, até passar para o cargo de Defensora Pública de Santa Catarina", revelou Rafaela.

Direitos básicos

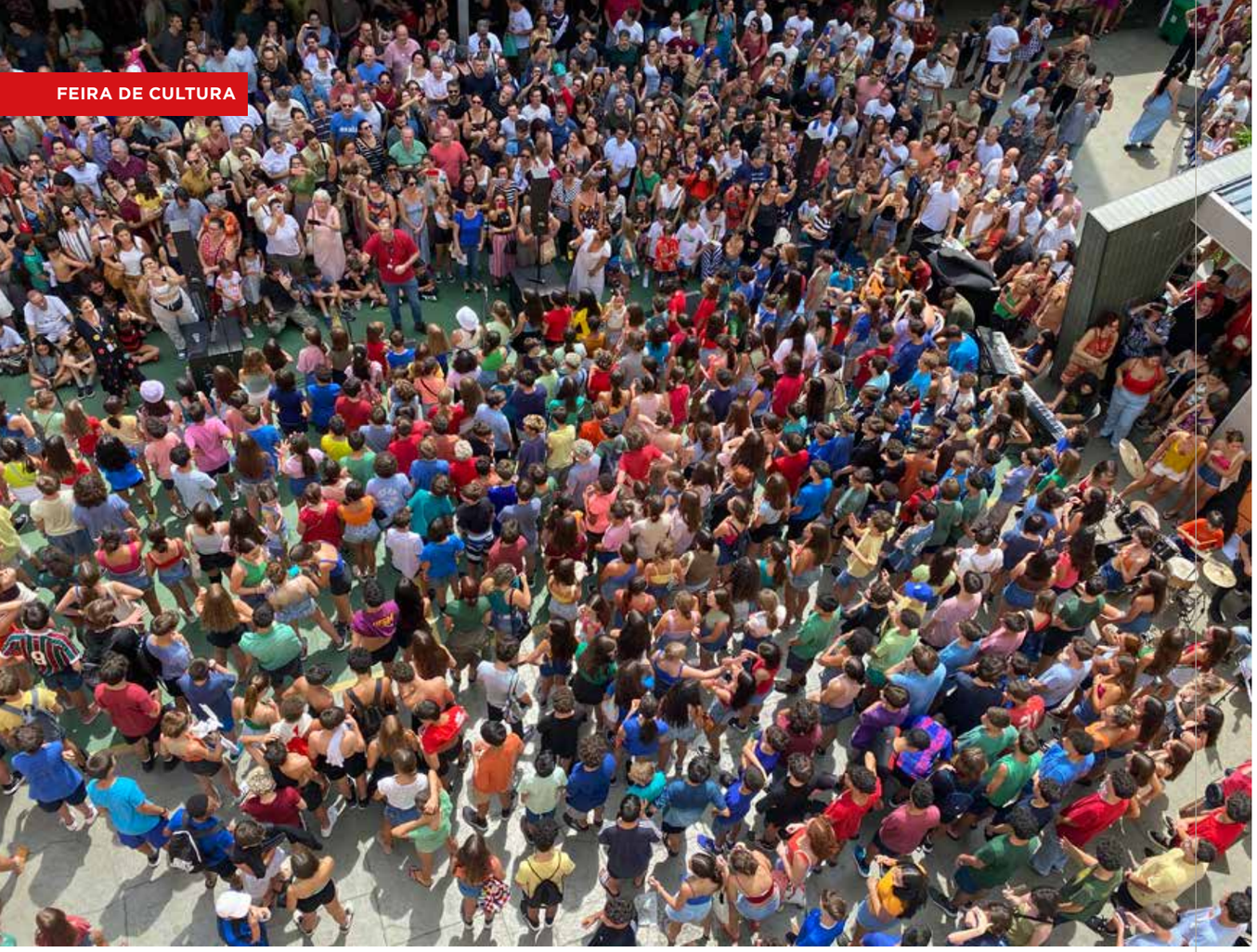
E o que motivou as duas ex-alunas a trilhar esse caminho árduo? Segundo Maíra Fattorelli, a Defensoria Pública representa a possibilidade de democratizar o acesso à Justiça às pessoas marginalizadas e invisibilizadas da sociedade que sofrem com as mais diversas vulnerabilidades, como mulheres vítimas de violência, crianças e adolescentes com direitos violados, pessoas com deficiência ou discriminadas por questões de raça, classe ou gênero. No nível micro, a Defensoria vai garantir o direito individual dessas pessoas e, no macro, também vai possibilitar a efetivação de diversos direitos coletivos relacionados à questão ambiental, de moradia ou de saúde, como no caso de pessoas autistas, por exemplo.

"Foi isso que me seduziu, poder usar o direito como arma de transformação social, garantindo oportunidades de dignidade humana e de efetivação de direitos os mais básicos a quem não os tem", justificou Maíra. Rafaela Ramacciotti concorda com a colega e argumenta que um concurso público em geral já tem seus atrativos, de estabilidade, posição e salário, mas diz que isso não basta para seguir carreira de Defensor. "Há um chamado maior. A gente tem noção do quanto foi privilegiada de ter tido uma boa formação e de poder nos dedicar a estudar e alcançar esse sonho, então é uma responsabilidade devolver isso para a sociedade", pondera.

Maíra conta que se depara com casos surpreendentes que a fazem ver como valeu a pena todo o esforço para chegar ali. Como o de um homem de 62 anos que procurou recentemente a Defensoria de Ipiaú. "Ele queria fazer seu registro tardio de nascimento para poder se aposentar. Porque nunca tinha tido documento nenhum que atestasse oficialmente a sua existência, nunca se matriculou em escola, nunca tomou uma vacina, foi atendido num posto de saúde ou num hospital, nunca recebeu bolsa família ou qualquer outro benefício, nada. Era um homem que trabalhava na zona rural da Bahia e nunca teve acesso a nenhum direito social básico", contou Maíra. "São situações que deixam a gente perplexa do nível de exclusão da população ainda nos dias de hoje. Mas essa é a realidade do interior do Brasil".

Já Rafa lembra que ficou extremamente impactada com um caso chegado à Defensoria de Florianópolis de uma mãe, moradora de rua, que foi destituída do poder familiar da filha, por conta de sua situação de rua. "Além de não ter acesso a serviço básico nenhum – de moradia, educação, alimentação, saúde – essa mulher não tinha direito nem mesmo a ter filho e ficar com ele", contou Rafaela, acrescentando: "A experiência na Defensoria é de fato algo que muda a sua perspectiva de mundo. Você sai de um lugar de uma pessoa privilegiada para ver como as pessoas vivem e precisam ainda de coisas tão básicas que o Estado não assegura".

Que sejam ambas muito bem-sucedidas na sua escolha! O Brasil agradece.



UMA EXPLOSÃO DE ARTE E CIDADANIA

Feira de Cultura e Compromisso Social volta com força encantando a todos com a beleza e a relevância dos projetos expostos

Na manhã quente do primeiro sábado de outubro, uma explosão de arte e cidadania tomou conta dos espaços do Colégio São Vicente de Paulo. "Agora voltamos mesmo. Com força total!", comentava a coordenadora acadêmica Norma Hoffmann no hall de entrada, enquanto oferecia aos visitantes que chegavam fitinhas e *bottons* comemorativos dos 7 anos do Muro da Gentileza, uma das muitas atrações da Feira de Cultura e Compromisso Social. Maior mostra anual de projetos desenvolvidos no CSVP, ausente do calendário escolar desde 2019, por conta da pandemia de Covid-19, a feira este ano voltou com carga total, dando show de beleza, criatividade, conhecimento, empatia e comprometimento com as causas socioambientais.

Entre 9h e 13h30, pelas salas e corredores de todo o colégio, o público pôde acompanhar uma ampla variedade de atrações como oficinas, exposições, exibições de vídeos e apresentações culturais diversas, que mobilizaram todos os segmentos de ensino em prol do lema vicentino de formar agentes de transformação social.

Já na entrada, o projeto *É Dia de Feira*, desenvolvido pela equipe do 8º ano, buscava representar a diversidade e o calor de uma feira livre, onde eram vendidos doces, tortas, salgados, objetos decorativos e bijus feitos pelos estudantes, num trabalho de empreendedorismo social, coordenado pelo professor Thiago Judice, de Plipt (Projeto de Leitura, Interpretação e Produção Textual). A dupla de alunas Laura Alvarenga e Juliana Martins, da turma 801, fazia sucesso com seus cupcakes de baunilha e doce de leite. "A renda de tudo o que vendermos aqui será integralmente doada para a ONG Teto", explicavam as meninas. Ao final do evento, somente esse projeto arrecadou o valor de R$ 3.648,85 para a Teto.

Na Sala de Exposições, próxima aos elevadores, era inaugurada a Afroteca, espaço de conhecimento, vivência e valorização da cultura afro-brasileira,

No pátio, o corão de alunos canta em homenagem a Rita Lee. As barracas espalhadas pelo pátio: APM com alimentação saudável, Andrea Marques faz o teste de paladar com uma aluna e as cestas indicando o que é o que não é comida de verdade. A aluna na barraca da Livraria da Travessa e a aluno com a mãe examinando as abelhas sem ferrão nas caixas do meliponario. Na barraca do Teto, as alunas explicam como funciona o projeto, e no hall de entrada, as alunas Laura Alvarenga e Juliana Martins, do 8º ano, vendem seus cupcakes no projeto *É Dia de Feira*. Acima, lguns dos muitos cartazes com traduções visuais de músicas da rainha brasileira do rock

TÁ NO PPP

Valorizar as diferenças e superar as desigualdades e a intolerância, como reconhecimento das várias identidades que se manifestam na comunidade.
(Política Institucional 2)

Considerar o multiculturalismo na elaboração e execução do currículo escolar, de modo que a articulação crítica de vivências e conceitos trabalhados nas diferentes áreas favoreça o desenvolvimento das identidades subjetivas e coletivas.
(Linha de Ação 2.6)

enquanto o pátio era ocupado por barracas de projetos do colégio e de instituições parceiras, e por venda de livros, alimentos e biocosméticos. Estavam lá o Projeto Tem Abelha na Escola, com exposição e visitação guiada ao Meliponário; uma exposição do Provoc – Programa de Vocação Científica, do 2º EM em parceria com a Fiocruz; o Projeto Escola-Construção Solidária, da ONG Teto; a Feirinha da União, com divulgação e venda de produtos trazidos pelo Centro de Atendimento aos Refugiados; as Voluntárias da Caridade, com venda de artesanato em benefício às comunidades atendidas; o Armazém do Campo, do MST, com venda de alimentos agroecológicos e artigos de vestuário; e a Associação de Pais e Mestres (APM) com exposição e venda de mel (Projeto Caixa de Abelhas), coleta de tampas e lacres (Projeto Junte e Ajude) e degustação de frutas, legumes e dicas de receitas saudáveis do MAS – Movimento de Alimentação Saudável.

Raízes africanas

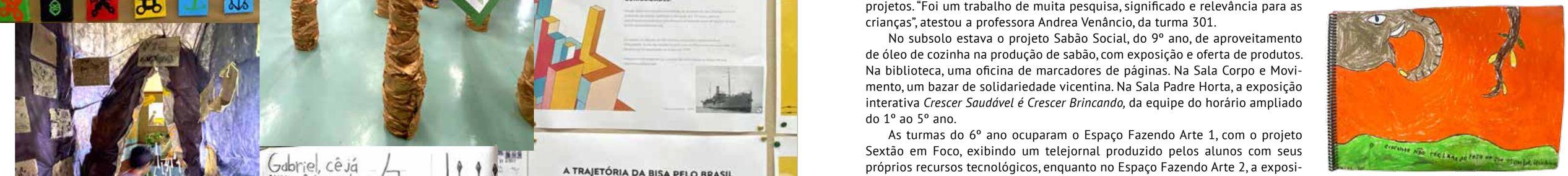
Nas salas do 1º e 2º andares, as turmas do Fundamental 1 mostraram suas pesquisas e trabalhos em torno das nossas raízes africanas, com reflexos nas artes plásticas, na literatura, na música, na dança e nas expressões religiosas. Do jongo aos bailes Charme, dos contos africanos às heroínas negras brasileiras em cordel, da força dos orixás à ludicidade das brincadeiras afro-indígenas, o grande legado dos nossos povos originários eram a marca comum dos projetos. "Foi um trabalho de muita pesquisa, significado e relevância para as crianças", atestou a professora Andrea Venâncio, da turma 301.

No subsolo estava o projeto Sabão Social, do 9º ano, de aproveitamento de óleo de cozinha na produção de sabão, com exposição e oferta de produtos. Na biblioteca, uma oficina de marcadores de páginas. Na Sala Corpo e Movimento, um bazar de solidariedade vicentina. Na Sala Padre Horta, a exposição interativa *Crescer Saudável é Crescer Brincando,* da equipe do horário ampliado do 1º ao 5º ano.

As turmas do 6º ano ocuparam o Espaço Fazendo Arte 1, com o projeto Sextão em Foco, exibindo um telejornal produzido pelos alunos com seus próprios recursos tecnológicos, enquanto no Espaço Fazendo Arte 2, a exposição/atividade *O Brasil mostra as suas caras*, do 7º ano, abordava as diferentes origens e referências culturais do povo brasileiro. *Identidade – Autobiografia/ Identidade – Autorretrato* foi o tema da exposição do 9º ano apresentada no Laboratório de Informática.

Temas candentes da contemporaneidade foram o foco dos projetos apresentados pelas equipes do Ensino Médio, tanto nos Itinerários Formativos e na OCA (Oficinas do Conhecimento Ampliado) quanto nas turmas do ensino regular. Desigualdade, racismo ambiental, mudanças climáticas e mobilidade territorial familiar foram algumas das questões lindamente trabalhadas em instalações interativas, vídeos, exposições e performances itinerantes ao longo de toda a manhã.

Às 13h, estudantes, educadores e famílias se juntaram no pátio para o encerramento da feira, fechada com uma homenagem à nossa rainha do rock, falecida este ano. *A Poética de Rita Lee: sons e imagens* exibiu um lindo painel com traduções visuais de suas músicas, coordenadas pela professora de artes Maristela Pessoa, e reuniu no corão as turmas do 5º EF ao 2º EM, cantando seus maiores hits, sob a batuta do mestre José Assumpção, mostrando a todos que podemos ser vetores de transformação e "fazer um monte de gente feliz".



Acima, algumas páginas dos cadernos com provérbios africanos ilustrados pelas turmas do 3º ano:
"Melhor ser amado do que ser temido"
"Se você quer ir rápido, vá sozinho.
"Se você quer ir longe, vá em grupo"
"O elefante não reclama do peso da sua tromba"

Na página ao lado, os trabalhos expostos nas salas dos 3 andares.
De cima para baixo; as comidas típicas de diferentes povos, os alunos jogam jogo da onça, uma das brincadeiras afro-indígenas.
O mural com símbolos africanos – Adinkra, do 4º EF e as árvores do projeto *Como mudar o mundo.*
Cartazes de alunos do EM sobre histórias das trajetórias de suas famílias. O aluno entra na sala de exposição do 2º ano. Quadrinhos do 1º ano EM sobre Racismo Ambiental.
Embaixo, pais visitam as exposições dos trabalhos do 2º e do 3º ano. Cartaz do 7º ano sobre origem das palavras

QUEM QUER SER VOLUNTÁRIA DA CARIDADE?

Núcleo do CSVP da mais antiga instituição vicentina está em busca de novas integrantes dispostas a doar tempo e trabalho aos pobres

Você tem tempo livre? Gosta de trabalhos manuais? Tem vontade de ajudar o próximo? Se a resposta para estas três perguntas for sim, você tem o que precisa para se juntar às Voluntárias da Caridade. Fundada pelo próprio São Vicente em 1617, a mais antiga instituição vicentina tem um núcleo no colégio desde 1960. Ele foi criado por iniciativa de mães da Associação de Pais e Mestres, responsável por sua manutenção financeira, e já chegou a reunir mais de 30 integrantes. Mas hoje conta com apenas seis mulheres para atender aos pobres das comunidades em torno do colégio.

"Do grupo antigo, muitas se mudaram, outras faleceram e outras já estão muito idosas e não conseguem mais frequentar os encontros", disse a presidente do núcleo das Voluntárias da Caridade do CSVP, Tanya Buarque, hoje com 78 anos, 43 deles na entidade e ainda cheia de disposição. Maria do Socorro dos Santos, de 77, não fica atrás. Ela foi funcionária do colégio por 39 anos, se aposentou e ingressou no grupo ano passado. "Estou adorando", revelou.

"Nós somos poucas atualmente, e nem todas podem vir sempre. Estamos precisando de cabeças novas, com novas ideias e sugestões", argumentou a mais jovem integrante e vice-presidente do núcleo, Aparecida de Oliveira, de 54 anos, 12 como Voluntária da Caridade. Junto com a colega Leonan Magalhães, que ingressou há cerca de um ano, ela está dando aulas de trabalhos manuais a um grupo de mulheres assistidas pela entidade, nas tardes de quarta-feira.

Renda extra

"Seria bom termos outras aulas aqui, ensinar a fazer sabão, salgadinhos, doces, costura, crochê, habilidades que podem se reverter em renda extra para as mulheres das comunidades. Quem tem um conhecimento prático a compartilhar pode nos ajudar muito", completou Cida. Mas, segundo ela, mesmo quem não tem nenhuma habilidade específica é bem-vinda no grupo.

Trabalho não falta. Além das aulas das quartas-feiras, há duas reuniões semanais, às terças e quintas-feiras, das 14h às 17h, na sala da entidade, que funciona ao lado das quadras de esportes. Ali elas produzem as peças de artesanato, vendidas no colégio em dois bazares anuais (Dia das Mães e Natal) e na Feira de Cultura e Compromisso Social em outubro. São objetos pintados em madeira e em tecido, agulheiros, porta-toalhas, enfeites de Natal, cestas de palitos e bijouterias diversas, que ajudam a custear as atividades beneficentes do núcleo.

Atualmente são 25 famílias atendidas com cestas básicas de alimentos e produtos de higiene, entregues sempre na segunda quinta-feira de cada mês. As Voluntárias ajudam também com medicamentos, óculos, material de construção ou alguma outra necessidade emergencial dos assistidos, a maioria idosos. "Só não damos dinheiro", faz questão de frisar a presidente Tanya.

Fome espiritual

A entidade está presente em 53 países, nos cinco continentes e tem representação até na ONU. No Brasil, está em 17 estados e tem sede em Curitiba. Há três núcleos no Rio, todos com identidade jurídica, estatuto e diretoria. O último congresso brasileiro da Associação Internacional de Caridades, a AIC Brasil, foi realizado em agosto, em Brasília. Tanya Buarque esteve lá representando o núcleo do Colégio São Vicente. E contou: "No Congresso foi frisado que nossa mais importante missão é escutar os pobres, ouvir suas angústias e carências e ajudar no que for possível. Não basta entregar o pão. Muitas vezes a fome maior é a espiritual. Por isso, a entrega das cestas é sempre precedida de um lanche, uma oração e uma palavra amiga. Este é um espaço de acolhimento e socialização".

No Natal, elas distribuem também uma cesta especial com produtos natalinos e presentes para as crianças e festejam ainda outras datas comemorativas como Páscoa, Dia das Mães, dos Pais, da Mulher, do Homem e do Idoso, fazendo lanches, bingos, sorteios e outras atividades festivas.

"Aqui todos são ouvidos, conversam, a gente conta piada, se diverte", afirma Ivanise Bastos, moradora de Copacabana, aposentada e voluntária há 12 anos. "Oferecemos um café, biscoitinhos, um bom papo, muito trabalho e, acima de tudo, a alegria de fazer o bem a quem mais precisa: os pobres", resume Rosângela Pereira, a Rosa, com a experiência de 16 anos junto às Voluntárias da Caridade. Quem quiser colaborar com elas, pode entrar em contato através do celular 21 99927-2401.

TÁ NO PPP

Fomentar uma Cultura Institucional de atenção ao outro, à natureza, a si mesmo e ao Transcendente, segundo as necessidades pessoais e coletivas, com base nos valores da mística e das virtudes vicentinas. (Política Institucional 1)

Estimular o engajamento de toda a Comunidade Educativa em projetos institucionais, sistemáticos e graduais que favoreçam a vivência da solidariedade concreta, como sinal de responsabilidade e compromisso com as causas dos que sofrem com a exclusão e injustiças sociais, especialmente os empobrecidos. (Linha de ação 1.2)

No centro, as voluntárias Ivanise, Rosa, Socorro, Cida e Tanya. O grupo produzindo as peças, as cestas básicas e produtos prontos para distribuição, a barraca na Feira de Cultura, com as senhoras atendidas e algumas peças feitas pelas voluntárias para venda no Bazar de fim de ano no colégio: cestas, bijuterias, panos de prato e enfeites de Natal

INSPETOR LUCIANO: “EU TORÇO E VOU TORCER SEMPRE POR ESTA ESCOLA”

Um dos colaboradores mais queridos do Colégio São Vicente, o inspetor Luciano da Silva Queiroz despediu-se da comunidade vicentina em maio, para recomeçar a vida com a esposa, Tatiane, e a filha, Maria Eduarda, em Boston, nos Estados Unidos. “Recebi há dois anos o convite de um compadre que já mora lá há bastante tempo para ir trabalhar com ele. A coisa foi amadurecendo e agora nos decidimos mesmo. Estamos indo com visto de trabalho, a empresa dele conseguiu fazer todos os trâmites legais, já estamos com casa, escola e tudo o mais acertado”, contou Luciano. Pouco antes de partir, ele foi homenageado no pátio do colégio pelos muitos alunos, pais e colegas que fizeram fila para abraçá-lo e desejar boa sorte na nova jornada. Recebeu a quantia que a comunidade vicentina arrecadou para ajudar a família a se estabelecer na casa nova e muitas mensagens carinhosas. “Essa onda de carinho que eu tenho recebido nada no mundo paga. Estou muito feliz e sei que isso é o que vai me sustentar quando eu estiver lá fora. Eu sou grato a cada criança e a cada pai, grato aos meus coordenadores por cada dia que eu vivi aqui e pelo apoio que me deram. Do zelador ao diretor da escola, todos têm uma importância muito grande na minha história nesta escola e na minha vida”, disse emocionado. Nesta entrevista *À Chama* na véspera da viagem, Luciano contou um pouco desta história.

São quantos anos de São Vicente, Luciano?
São 24 anos como inspetor, mas no colégio como um todo, são 26. Porque tudo começou em 1997, na Escolinha de Esportes, onde meu tio já trabalhava. Dois anos depois, esse meu tio, que trabalhava no colégio também, precisou sair e eu assumi o lugar dele, como inspetor de alunos, no dia 22 de fevereiro de 1999. A partir daí é que eu começo a fazer parte do corpo de funcionários do colégio mesmo.

Nessa época o Padre Almeida ainda era vivo?
Ele faleceu logo depois que eu entrei, acho que em março ou abril daquele ano. E aí começou a gestão do Padre Lauro, pessoa por quem eu tinha a maior admiração e respeito, porque ele foi um diretor maravilhoso. Essa ponte para eu vir para o colégio, quando ainda trabalhava na Escolinha de Futebol, foi feita pelo Padre Maurício, que era Diretor Administrativo na época. Também admirava muito o Padre Maurício, pessoa muito boa, de enorme coração.

Você começou trabalhando como Inspetor de algum segmento de ensino específico?
Não, eu comecei trabalhando nas quadras e depois fui para a portaria. Foi pouco tempo nas quadras e logo depois fui transferido para o pátio onde eu trabalhava com todos os alunos, nunca trabalhei com segmento específico. Daí está explicada essa coisa de conhecer todo mundo, porque eu sempre convivi com todos mesmo.

Isso é um dado que chama muita atenção, essa capacidade sua de falar com todos os alunos e saber o nome de cada um. É esse o segredo para ser tão querido pelos eles?
Eu sempre ficava me perguntando como é que eu ia chegar perto de um aluno, quando ele estivesse em determinado lugar fazendo alguma bobeira, e chamar atenção dele. Então eu pensei que, se eu já soubesse o nome daquele aluno, seria mais fácil de eu me aproximar. No início eu usava uma estratégia para decorar o nome dos alunos que era a seguinte: na aula de Educação Física, aqui no pátio, quando eles ficavam sentados no chão, eu ia falando o nome errado deles, que imediatamente me corrigiam. E assim eu aprendia e gravava o nome certo de cada um. E com isso, facilitava minha a abordagem quando eu precisava me dirigir a eles.

Luciano na sua chegada a Boston, com a esposa Tatiane e a filha Maria Eduarda

Qual é, na sua opinião, a função mais importante de um inspetor de alunos?
Eu acho que o mais importante, acima de qualquer coisa, é manter um diálogo muito sincero e verdadeiro com eles. Para essa relação inspetor-aluno, aluno-inspetor, a gente tem que estabelecer essa regra de respeito e de muito companheirismo também. Foi a partir disso, de criar esses laços e essa relação muito verdadeira com os alunos que eu pude ter esse reconhecimento dessa jornada de 24 anos que eu interrompo agora. Com essa regra, a gente consegue suavizar mais o trabalho.

Mas isso não significa não ter o pulso firme que a função exige também, não é?
Exatamente. É tudo uma balança. Na hora da bronca, é bronca, na hora do carinho, é carinho. Tudo com respeito e verdade. E quando eles conseguem entender isso, o trabalho fica mais fácil.

Nesse período todo, que momentos foram mais marcantes e que você vai levar com você?
Certamente tem muitos momentos marcantes. Por exemplo, nossos queridos alunos, que são especiais: me lembrar de cada um deles chegando, ver a evolução que eles vão tendo e agora, quando eu estou indo embora, ver cada um do seu jeito vir me abraçar, se despedir e me pedir para eu não ir, isso toca muito. Houve momentos específicos também, como o falecimento do Padre Almeida e, agora mais recentemente, do Padre Lauro, momentos de tristeza e emoção que se misturam com outros muito felizes também. Mas acho que o momento mais marcante para mim foi quando eu passei da Escolinha para o colégio, e a Cristina, secretária do Padre Maurício, me levou até o portão que dá acesso ao pátio e disse: “Agora seja feliz. Eles são todos seus”, referindo-se aos alunos. Aquilo foi muito impactante, porque eu, muito novo, nunca tinha trabalhado com educação, não sabia como seria dali para frente essa relação com os alunos. Dali por diante, me tornei, graças a Deus, essa pessoa querida por todos. E esse reconhecimento é da minha parte também com todos com quem eu convivi aqui: os funcionários, professores, ...

Qual é a principal característica do colégio, na sua opinião?
Eu acho que é o zelo. A principal característica do São Vicente é o zelo que a gente transmite para os meninos e eles para nós também. Os alunos que vêm de outros colégios sempre comentam como isso é forte aqui, esse zelo, esse cuidado para acolher bem cada um individualmente. O colégio tem professores e funcionários excelentes, todos com grande dedicação. A comunidade vicentina é assim, tem o acolhimento como característica, e isso é claramente sentido por todo mundo.

> “A PRINCIPAL CARACTERÍSTICA DO SÃO VICENTE É O ZELO QUE A GENTE TRANSMITE PARA OS MENINOS E ELES PARA NÓS TAMBÉM”.

Nesses 24 anos, você viu o colégio passar por muitas mudanças. O que você apontaria como mudanças positivas e o que você acredita que se perdeu ou poderia melhorar?
Eu acho que, por exemplo, a ideia do PPP (Projeto Político-Pedagógico), de criar práticas para o melhor funcionamento da escola, foi muito bacana. Mas acho que isso ficou mais no papel. Na prática, as mudanças que a gente vê acontecendo na escola acabam nos preocupando, não têm a ver com o que a gente ficou um fim de semana inteiro discutindo em Barra do Piraí para construir o PPP. Muita coisa ali acabou ficando no discurso.

O que, a ser ver, não se transformou em prática ou pode melhorar?
É difícil apontar especificamente, mas acho que, de maneira geral, poderia haver um pouco mais de cuidado e de atenção para que o que ficou estabelecido no PPP não se perca. Um pouco mais de empenho. Porque no dia a dia a gente ouve relatos de pais que estão incomodados com alguma coisa, até por conta dessa relação de respeito e confiança que foi estabelecida entre nós. É importante que os interesses do colégio e da comunidade vicentina estejam acima de interesses particulares. Todo mundo precisa estar sintonizado porque ninguém faz nada sozinho. Acho que se todo mundo estiver mais comprometido e empenhado, a coisa vai funcionar melhor para todos. Eu falo isso porque amo esta escola. Eu torço e vou torcer sempre por ela, aqui e onde eu estiver.

Como você gostaria de ser lembrado no colégio?
Poxa, pergunta difícil. Mas acho que gostaria de ser lembrado mais que tudo por ter criado essa relação com esses meninos e com seus pais. Eu sempre tive prazer de trabalhar nesta escola. Eu tenho um amor muito grande por ela. E onde eu estiver, quero ter notícias dela e dar notícias minhas também. Isso não se acaba assim, com a minha partida. Tudo isso vai dentro de mim. Fica marcado para sempre. Eu só tenho que ser muito grato por todo o apoio que eu sempre recebi aqui.

TÁ NO PPP

Colocar-se como “comunidade aprendiz”, em que os erros e os acertos tornem- -se oportunidades impulsionadoras da aprendizagem. (Política Institucional 3)

Construir, no cotidiano do Colégio, as condições para o desenvolvimento da autonomia de todos os participantes da Comunidade Educativa, segundo normas e regras coletivamente concebidas e manifestadas em atitudes concretas de compromisso e responsabilidade. (Linha de Ação 3.2)

MENOS TELAS, MAIS SAÚDE

Encontro debateu o impacto do uso abusivo de mídias digitais e sugeriu celular zero na escola

"Vocês sabem quantas horas por dia ficam no celular?", perguntou o médico pediatra Ricardo Chaves, instigando os responsáveis por estudantes presentes no auditório a verificarem o tempo diário de uso dos seus próprios aparelhos. Com essa provocação, ele deu início à sua fala na roda de conversa *Impacto das telas na saúde de crianças e adolescentes*, realizada na noite de 28 de setembro.

Numa iniciativa da Associação de Pais e Mestres do São Vicente, o debate foi conduzido pelo casal Ricardo Chaves e Juliana Pimenta (psiquiatra), ambos ex-alunos e hoje pais de um estudante do 6º ano do CSVP, com a participação especial do neurocientista e biólogo Sidarta Ribeiro, também ele pai de um aluno do 7º ano do colégio.

Ricardo Chaves quis chamar atenção para a complexidade do tema e do quanto ele afeta a todos indistintamente. A internet e os celulares que nos facilitam a vida e nos abrem a porta para o mundo, se mal usados também são fontes de perigos e riscos para a saúde, sobretudo de crianças e adolescentes. Mas advertiu: "Não tem como essa conversa ser produtiva se não tivermos autocrítica do nosso próprio uso das telas", disse ele.

Segundo o pediatra, o uso abusivo de mídias digitais é hoje considerado tão tóxico pelos estudiosos que já se observam até consequências na relação mãe-bebê durante a gestação. Mas há também evidências de miopia precoce, doenças da coluna, distúrbios do sono e déficit de atenção, entre outros.

Reunidos na mesa, Sidarta Ribeiro levanta o celular, acompanhado por Juliana Pimenta e Ricardo Chaves

"A OMS sugere para adolescentes no máximo três horas diárias de uso de telas. As sociedades brasileira e americana de pediatria recomendam zero tela até dois anos de idade e uma hora no máximo na primeira infância. Será que conseguimos adotar isso? Quantos de nós não usamos as telas como babás para nossos filhos?", provocou novamente o médico, chamando atenção ainda para os riscos que correm crianças e adolescentes com acesso livre à internet, expostos a violência, pornografia, *cutting* , *cyberbullyng* e outros males. "É como deixá-los atravessar a Avenida Brasil sem um adulto lhes dando a mão", comparou.

Conscientização

Falando mais especificamente da adolescência, Juliana Pimenta começou lembrando que ainda estamos vivendo sequelas do período da pandemia, do confinamento imposto por ela e o consequente uso intensivo das telas. *Games,* para os meninos, e redes sociais, para as meninas, são particularmente sedutores. Junte-se a isso o fato de essa faixa etária se caracterizar pela necessidade de diferenciação, tornando muitas vezes difícil o estabelecimento de limites por parte dos pais. "De que maneira, então, podemos ajudar nossos filhos em suas escolhas?", perguntou a psiquiatra.

Um dos caminhos, propôs, é conscientizando os adolescentes, compartilhando com eles informações técnicas sobre o potencial viciante das telas e os problemas advindos disso. "Trinta por cento dos transtornos mentais são desencadeados na adolescência. Os quadros que a gente mais vê ligados a excesso de tela nessa fase são ansiedade, depressão, transtornos alimentares e insônia", afirmou Juliana, lembrando que a tela não é o único vilão, mas que seu uso abusivo potencializa e agrava essas patologias.

Como propostas concretas para reduzir o uso de telas, a médica sugeriu engajar crianças e adolescentes em atividades alternativas como exercícios físicos, leitura, arte e música, monitorar o tempo de tela, fazer controle parental de conteúdo, remover dispositivos de mídia do quarto, criar espaços livres de celular, como refeições e salas de aula, por exemplo, e promover campanhas de dia ou semana sem celular nas escolas. "Mas é claro que, para isso, nós próprios precisamos mudar nossos hábitos e diminuir, nós também, nosso tempo de tela", enfatizou também Juliana Pimenta.

"Precisamos de uma revolução para mudarmos esse hábito", disse Sidarta Ribeiro em sua fala, reconhecendo-se um dependente de telas em reabilitação. "Já usei seis horas diárias, hoje estou em duas horas. E o meu propósito, quando estou com meus filhos, é tirá-los das telas para jogar xadrez, tocar atabaque ou fazer qualquer atividade presencial, juntos". O neurocientista mostrou-se preocupado com a redução de repertório que o uso exclusivo de telas vem impondo às novas gerações e as consequências avassaladoras disso para o cérebro humano.

"As telas fazem com a cabeça dos nossos filhos mais ou menos a mesma coisa que a anfetamina faz: os deixa frenéticos, irritados, agressivos, arredios, preguiçosos, chatos e respondões. E se a gente deixá-los usar isso à vontade, eles vão querer mais e mais e mais. Como política de redução de danos de qualquer substância, também com as telas a gente precisa pensar em dose e em qualidade. Não dá pra ficar o dia inteiro no celular, nem ver só TikTok", afirmou Sidarta.

Para ele, o Colégio São Vicente deveria largar na frente e proibir o uso de celular na escola para que os estudantes possam aproveitar o privilégio de aprender e se lapidar com a enorme oferta de atividades boas que o colégio oferece. "Vai ter uma pequena crise de abstinência, mas ela passa, e aí todo mundo vai colher frutos. O que parece radical, na verdade é só bom senso. Dá para fazer", disse Sidarta Ribeiro para aplausos da plateia.

Na conversa que se seguiu, os pais e mães relataram suas experiências próprias e a dos filhos e filhas com telas, falaram da necessidade de engajá-los no debate, mas destacaram também a importância de não abrirem mão de sua responsabilidade parental. E concluíram com a disposição de levar as reflexões suscitadas no encontro ao grupo de trabalho formado no colégio para tratar do assunto.

TÁ NO PPP

Fomentar uma Cultura Institucional de atenção ao outro, à natureza, a si mesmo e ao Transcendente, segundo as necessidades pessoais e coletivas, com base nos valores da mística e das virtudes vicentinas.
(Política Institucional 1)

Organizar o Colégio para que favoreça a existência de redes capazes de identificar necessidades – pessoais e coletivas – e encaminhar propostas para atendê-las.
(Linha de Ação 1.1)

ENTREVISTA: SIDARTA RIBEIRO

No dia 19 de outubro, o neurocientista Sidarta Ribeiro participou de nova Roda de Conversa no colégio, ao lado dos psiquiatras Paulo Edmundo e Paula Fabrício, também responsáveis por alunos do CSVP. Desta vez o tema foi *Saúde mental, cannabis e psicodélicos*. Em seguida, ele concedeu esta entrevista à jornalista Sacha Leite, integrante da diretoria da APM, organizadora do evento. "Creio que faríamos um grande bem a nossos jovens se conseguíssemos fazer do São Vicente um ambiente livre de celulares", disse Sidarta.

Quais são as consequências do uso de telas individuais na vida corrida urbana do Rio de Janeiro, para crianças, jovens e adultos?
Os estímulos audiovisuais disponíveis em telas individuais são desenhados para atrair o máximo de atenção. Como não temos um diálogo aprofundado na sociedade sobre a moderação e curadoria no uso de estímulos audiovisuais, estamos quase todos e todas dependentes desses estímulos, com pouca ou nenhuma reflexão sobre o tempo dispendido em frente às telas individuais, em detrimento de outras atividades. As consequências são um "achatamento" e isolamento da experiência humana, com muito menos tempo para interações sociais presenciais, tarefas domésticas, jogos, brincadeiras, esportes, desenho, música, literatura, teatro, contato com a natureza e mesmo a exposição coletiva às telas, como no caso do cinema. Não se trata de demonizar as telas individuais, mas de regulá-las, para mitigar os prejuízos emocionais, sociais, cognitivos e acadêmicos causados pelo excesso e toxicidade de conteúdos audiovisuais em situação de isolamento.

Algumas pessoas têm o entendimento que cada família deve definir qual é o limite de exposição às telas por parte das crianças e jovens, mas há quem diga que este deveria ser definido pelo Estado, que o governo deveria regular. Qual é a sua opinião a esse respeito?
A Organização Mundial da Saúde tem alertado sobre os danos causados pelo sedentarismo associado ao excesso do tempo de tela. Acredito que menores de 2 anos não deveriam ter qualquer exposição a telas, exceto para chamadas de vídeo com familiares; que crianças entre 2 e 5 anos não deveriam passar de uma hora de tela por dia, de preferência em visualização conjunta com familiares; e que crianças acima de 5 anos e jovens até o final da adolescência não deveriam estar diante de telas mais do que 2 horas por dia, exceto para trabalhos de casa.

De que maneira podemos contribuir para que nossos jovens desenvolvam uma postura mais madura, autônoma e saudável com relação ao uso de telas?
É difícil pois na maior parte dos casos uma forte dependência já está estabelecida e qualquer tentativa de regulação costuma

provocar reações adversas. Mesmo assim, acredito que precisamos conversar abertamente sobre estas questões com nossos jovens, explicando a necessidade de adotar limites para o tempo de uso de telas e de fazer uma cuidadosa curadoria do conteúdo. O ideal é que as mudanças sejam debatidas e pactuadas com vistas à auto-regulação, mas acredito que as mães, pais e outros cuidadores principais precisam assumir a responsabilidade de estabelecer limites saudáveis para o uso de telas. Creio que faríamos um grande bem a nossos jovens se conseguíssemos fazer do São Vicente um ambiente livre de celulares. Acredito que isso melhoraria diversos aspectos da vida escolar, tanto dentro quanto fora da sala de aula.

Na roda de conversa, ouvimos que a cannabis foi encarada como a porta de entrada para o uso de drogas, mas que atualmente, a substância que frequentemente tem desempenhado este papel é o álcool. Qual o comportamento devemos adotar para reduzir esses danos?
A pesquisa mais recente sobre o uso de drogas no Brasil, feita pela Fiocruz em 2015, mas só divulgada em 2019, mostrou que a droga mais consumida no país é o álcool, que alcança dois terços da população. Via de regra, a primeira substância psicoativa consumida por nossos jovens é o álcool. Isso não chega a ser surpreendente, pois o álcool é objeto de propagandas positivas nos meios de comunicação, sem que os malefícios de seu uso problemático sejam amplamente disseminados. A redução dos danos ligados ao consumo de álcool e outras substâncias passa por um debate franco sobre os aspectos positivos e negativos desse consumo, com foco na identificação dos grupos de risco, na explicação das razões científicas para evitar o consumo durante a adolescência, e no esclarecimento sobre as diversas formas de reduzir ou mitigar os danos, como por exemplo assegurar-se de que o ambiente de uso é seguro, evitar doses altas, evitar a mistura de substâncias, manter a hidratação e estabelecer canais de comunicação aberta e sem censura com os pais.

Em uma conversa sobre o uso de drogas, como nós, responsáveis, podemos nos aproximar dos adolescentes?
Acho que é fundamental criar um espaço de compartilhamento franco de experiências sem qualquer traço de pânico moral, pois todos nós fomos adolescentes e nos lembramos da sensação de aventura diante da vida ainda tão misteriosa. Acredito também que é preciso apresentar embasamento científico para os limites estabelecidos em relação às drogas, recorrendo sempre à racionalidade e ao bom senso de nossos jovens. A construção de um sólido vínculo de confiança, baseado em opiniões bem embasadas e não em preconceitos, me parece o melhor caminho para que nossos filhos e filhas atravessem a adolescência sem perder contato com a proteção eficaz das mães, pais e e outros cuidadores principais.

A partir de qual idade o cérebro se encontra maduro o suficiente para que os benefícios alcançados com o uso responsável de substâncias psicoativas não seja danoso?
Embora a maturidade sexual seja atingida durante a adolescência, a completa maturidade cerebral só é alcançada em torno dos 25 anos. Isso é verdade sobretudo para o córtex pré-frontal, que é necessário para a tomada de decisões bem ponderadas, isto é, não impulsivas. A não ser em casos de indicação médica, maconha e substâncias psicodélicas não são indicadas para adolescentes, e sim para adultos.

Como convidar os jovens a procurar uma alimentação mais saudável, fazer exercícios diariamente e ter um sono de qualidade, sem passar por um discurso enfadonho?
Quem me dera ter a resposta para essa pergunta! Estamos todos no mesmo barco. Vejo progressos em minha própria casa quando conseguimos engajar toda a família nessas práticas, através de atividades coletivas em que privilegiamos o preparo e consumo de refeições orgânicas, a prática de exercícios na natureza e a ida para a cama sem nenhuma tela ligada e em horário apropriado, cedo o suficiente para que a quantidade e a qualidade do sono sejam adequadas. É quase impossível para os adultos inspirarem hábitos saudáveis nos jovens sem adotar os mesmos hábitos, por isso creio que a atitude mais eficaz é coletiva.

Qual é a importância de construir um espaço de escuta, partilha e trocas simbólicas entre responsáveis, alunos, funcionários e equipe pedagógica?
A construção de um espaço seguro e sem preconceitos para a troca de experiências entre pessoas de todas as idades e segmentos da escola me parece de suma importância para a saúde das relações pessoais e profissionais. A escola é um espaço privilegiado para a construção de saberes, mas sem escuta e acolhimento das diferenças essa construção se torna frágil.

Como cultivar um ambiente seguro e atrativo, menos excludente e mais afetivo no seio da escola? Como você se sente sendo um pai vicentino?
Este é nosso primeiro ano no São Vicente e até agora a experiência tem sido muito positiva. Vejo como muito necessários os debates escolares sobre a xenofobia, o racismo e o machismo. Por ser um colégio particular, o São Vicente tem uma prevalência de alunos brancos e de classe média. Creio ser importante reforçar as iniciativas para aumentar a diversidade do colégio, como por exemplo ampliar as bolsas de estudos para jovens cujas famílias não conseguem arcar com os custos da mensalidade.

Há algo que eu não tenha perguntado, que gostaria de acrescentar?
Me surpreendi quanto descobri que a mortificação é um valor vicentino. Não sei se existe a possibilidade de trocar esse termo antigo por outro mais contemporâneo e positivo, pois entendo que os esforços realizados em prol de um objetivo – por exemplo, estudar para aprender mais ou treinar com afinco um esporte – são expressões da vida e não da morte.

ATO PELA PAZ

No dia em que a Guerra Israel-Hamas completou um mês, com o trágico registro de mais de 10 mil mortos no conflito, um emocionante Ato pela Paz foi celebrado por educadores e estudantes na área das quadras do Colégio São Vicente de Paulo. Alunos e alunas do 1° ao 6° ano do Ensino Fundamental levantaram bandeirolas brancas adornadas com desenhos e mensagens em diversos idiomas, expressando o desejo de todos pela paz entre os povos. Erguida por balões brancos, uma flâmula com a palavra PAZ subiu aos céus levando as aspirações da comunidade vicentina por um mundo mais tolerante e fraterno.

RODA VIVA

Numa linda homenagem ao grande diretor teatral José Celso Martinez Corrêa, falecido em julho deste ano, o Zadregos, grupo de teatro do Ensino Médio, levou para o auditório do São Vicente uma de suas mais icônicas montagens, a peça Roda Viva. Escrita por Chico Buarque de Hollanda, no final de 1967, a peça foi aos palcos com direção de Zé Celso em 1968, ano de endurecimento do regime militar. Durante sua temporada paulista, sofreu um violento ataque de pessoas ligadas ao Comando de Caça aos Comunistas, que espancaram os atores e destruíram os cenários, e acabou proibida pela censura. Agora o Zadregos trouxe de volta essa importante peça de resistência do teatro brasileiro em quatro sessões, nos dias 25,26, 27 e 28 de outubro. Com direção da professora Ana Brasil, e grande participação dos estudantes na feitura de cenários e figurinos, a Roda Viva do Zadregos encantou a comunidade vicentina com reflexão, animação e as lindas canções do musical, que marcaram o nosso cancioneiro popular.

PRÊMIO NO PROVOC

O Seminário de Vocação Científica do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF) voltou a ocorrer presencialmente em 2023, depois de três anos de edições remotas devido à pandemia. Este ano, a aluna Nina Duarte Soares, do 3º EM do CSVP, parceiro do CBPF no Programa de Vocação Científica (Provoc), recebeu menção honrosa no Seminário, por seu trabalho *Explorando a Luz e a Física Quântica*. "Mostramos um pouco da história "clássica" da luz, com suas vastas implicações para a Óptica e o Eletromagnetismo", contou Nina (à direita, na foto). O trabalho foi feito em conjunto com Luna Micaela Menezes Perez, estudante do Colégio Pedro II – Humaitá e teve como orientador o pesquisador do CBPF Sebastião Alves Dias.

JARDIM SENSORIAL

Um encontro realizado na manhã do sábado 11 de novembro reuniu um grupo de famílias vicentinas para uma oficina de sensibilização ecológica, marcando a inauguração oficial da Hortaviça. Coordenada pelo professor de sustentabilidade Tonico Amaral, a oficina teve início com uma dinâmica de empatia, onde os presentes se apresentaram e responderam à pergunta: "Se eu fosse uma árvore, o que eu diria para os seres humanos?". Em seguida, fizeram uma breve visita à mata localizada nos fundos do colégio e partiram para o espaço da horta pedagógica, onde as crianças puderam manusear a terra e fazer o plantio de mudas que, futuramente, alegrarão o nosso jardim sensorial, com plantas e ervas que estimulam os sentidos humanos. "Nossa espécie não é a única residente no planeta. Cada vez mais precisamos nos sensibilizar para os cuidados com todos os seres da Terra", destacou Tonico.

FOTO ALEXANDRE BERNER

MAIS UM TETO

Foi um sucesso a campanha de arrecadação dos estudantes do Ensino Médio para financiar a construção de mais uma moradia em parceria com a TETO. Durante o feriado do 7 de setembro, eles puseram a mão na massa para erguer a casa, desta vez na comunidade Guaranys, na Cidade de Deus. Os beneficiados foram um jovem casal com três crianças (a terceira nasceu poucos dias depois da casa erguida), vivendo em condições de extrema vulnerabilidade social. Participaram da missão os professores Frederico Lessa (Biologia), Paulo Henrique (Geografia) e Jair (Ensino Religioso). A mobilização foi intensa e reuniu 24 alunos com mais de 16 anos, do 2º e do 3º ano do Ensino Médio. "A meta estipulada pela ONG era de R$ 16 mil, mas a grande mobilização dos envolvidos garantiu a arrecadação de pouco mais de R$ 18 mil. A diferença será usada em novas ações de voluntariado do colégio", contou Fred.

ADEUS, SÉRGIO

No último dia 30 de outubro, a comunidade educativa do Colégio São Vicente perdeu seu amigo e colaborador Sérgio David Coelho. Auxiliar de coordenação que há onze anos abraçou o carisma vicentino com entusiasmo, Sérgio deixou consternados educadores, estudantes e familiares com sua partida repentina. Como forma de agradecimento por toda a sua dedicação com a família vicentina e pelo grande companheiro e profissional que ele sempre foi, o colégio prestou suas condolências à família de Sérgio com uma missa de sétimo dia, rezada em sua homenagem, no auditório do colégio, na noite de 6 de novembro.

FORMANDOS 2023

3A

ANA CLARA ONETO ROUEDE
ANTONIO LACOMBE VAZ MOREIRA
BEATRIZ GAIA DOBAL CUCCO
BERNARDO DE ALMEIDA VIEIRA
BERNARDO DA COSTA CALANDRINI
CAROLINNA SILVA BRESSAN
CLARA TAVARES LOPES
DANIEL ALMEIDA BARBOSA
FELIPE RABOSSI FERNANDEZ
FRANCISCO DE ABREU LIMA
GABRIEL COSTA RIBEIRO DE ARAUJO
GABRIELA ALMEIDA ROCHA
GUSTAVO OLIVEIRA JOUVAL
JOÃO GABRIEL GRECCO COIMBRA
JOÃO VITOR DOS SANTOS PITMAN
JULIA PEÇANHA OLIVEIRA
LAÍS GENTIL DE MELLO E SILVA ZABALA
LUANA DA MOTA FERNANDES
LUÍSA NOGUEIRA SCHMITT
LUIZ EDUARDO EVANGELISTA FERNANDES
MANUELA PREVOT NASCIMENTO LOPES
MANUELA VILHENA RODRIGUES
MARCELO NOBRE VERANI
PALOMA PEIXOTO MEDEIROS
PEDRO ANDRADE BUARQUE DE MACEDO
PEDRO FERREIRA MELLO CHANTRE
SOFIA SÁNCHEZ SCHIMITI
VINÍCIUS COSTA ALVES

3B

ARTHUR FURTADO IYDA PAGANELLI
ARTHUR MAIA TORRES QUINTANILHA
BENJAMIM DOS REIS NOGUEIRA
CATARINA LEMOS XAVIER GALUCIO
EVA ALMEIDA CARVALHO COUTINHO
FELIPE DE MELLO MACHADO
GABRIEL DIAS VERZTMAN
GABRIELA VIDAL TEIXEIRA DE ANDRADE
GUILHERME HASSE
HELENA DO VALE MORGADO
JOÃO VITOR CRAVO RODRIGUES
LAURA DA SILVA CARVALHO
LAURA DE SOUSA PALMEIRO
LAURA RABELLO BARRETO DE SOUSA
LEONARDO PACHECO DE ALMEIDA NEVES
LOÏC MARTINS LESSA
LUCA ANTELLO VIEIRA SPADA
LUISA DE MATTOS REIS
MARIA CLARA BASTOS PACCA CORRÊA
MARIA QUINTANILHA ARAUJO DEL PINO
MARINA GONÇALVES CARDOSO
NINA DUARTE SOARES
RAYSSA CARVALHO DA SILVA
YASMIN LOPES JORGE

3C

BERNARDO DE MELO PALMISCIANO
CAROLINA POPINIGIS HOFVANDER
GABRIEL TURA ECHEVERRIA
HUGO FERREIRA TINOCO
JOÃO HENRIQUE PIMENTA GERMANO
JOSÉ RIEPER GOLDEMBERG
JULIO DINIZ LOPES PINHEIRO
LAÍS MENEZES AZEVEDO BALBI
LEONARDO ALBUQUERQUE COHN
LUIZA BARRETO CAMPELLO FERREIRA
MÁRIO HENRIQUE DE OLIVEIRA QUEIROZ
MIGUEL GALVÃO DE MORAIS PERPÉTUO
MIGUEL SCOFANO AFFONSO DA COSTA
PABLO FURTADO IYDA PAGANELLI
RICARDO AUGUSTO COSTA NETO
RODRIGO INTRATOR JUPPA
RODRIGO ROZENBLAT PIQUET CALDAS
SAMUEL BRENO SANTOS
SOFIA CHAVES SARTORI
THEODORA ELISA KUPLICH MOORE
TOMÁS LEVY BETHLEM

A CHAMA
A PAZ
ESTEJA
CONVOSCO
74
a chama
Reuniões de Pais integram a Família e a Escola
POLÍTICA PONTA EM QUESTÃO
São Vicente
Paraíso, Caraça
Olhar sobre o São Vicente
25 ANOS
SAÍDA
APM
50
40 ANOS
INDECISÃO NO CAMINHO DAS URNAS
CSVE